



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

AMANDA GOMES OLÍMPIO FLOR

**CONCEPÇÕES DE LEITURA: Compreensões de Docentes
Alfabetizadores**

JOÃO PESSOA – PB

2018

AMANDA GOMES OLÍMPIO FLOR

**CONCEPÇÕES DE LEITURA: Compreensões de Docentes
Alfabetizadores**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Letras da Universidade
Federal da Paraíba, em cumprimento das exigências
legais para a obtenção do grau de Licenciado em
Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Evangelina Maria Brito de Faria

JOÃO PESSOA – PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F632c FLOR, Amanda Gomes Olimpio.

CONCEPÇÕES DE LEITURA: Compreensões de Docentes
Alfabetizadores / Amanda Gomes Olimpio Flor. - João
Pessoa, 2018.

65f. : il.

Orientação: Evangelina Maria Brito de FARIA.

Coorientação: Marianne Bezerra CAVALCANTE, Zuleide
Abrantes SOARES.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA/DLCV.

1. Letramento, Alfabetização, Práticas de leituras. I.
FARIA, Evangelina Maria Brito de. II. CAVALCANTE,
Marianne Bezerra. III. SOARES, Zuleide Abrantes. IV.
Título.

UFPB/CCHLA

AMANDA GOMES OLÍMPIO FLOR

**CONCEPÇÕES DE LEITURA: Compreensões de Docentes
Alfabetizadores**

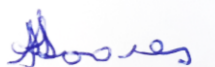
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como
exigência parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras Português, sob apreciação da
seguinte Banca Examinadora:



Profª. Drª. Evangelina Maria Brito de Faria
Universidade Federal da Paraíba
Orientadora



Profª. Drª. Marianne Bezerra Cavalcante
Universidade Federal da Paraíba
Examinador 1



Profª. Msª. Zuleide Abrantes Soares
Universidade Federal da Paraíba
Examinador 2

João Pessoa – PB

2018

*À minha família, que sempre me apoiaram, torciam,
que sempre acreditaram, me auxiliaram nos estudos.
Aos meus pais, aonde tenho um porto seguro.*

AGRADECIMENTOS

A minha família que sempre luta pela minha felicidade, no auxílio financeiro, ajuda psicológica, e nos conselhos morais que foram fundamentais para o desenvolvimento do meu caráter. Devo tudo à essa família, mesmo com inúmeros defeitos, ainda sim, somos uma grande família.

Duas pessoas que sempre serão fundamentais na caracterização da minha existência, que sempre sobrecarregada de amor e cuidados paternais, essas pessoas magnificas se denominam como: Geilza e Erivan. Os meus pais, indivíduos admiráveis ao meu simples intelecto humano ainda em construção, devo tudo à eles, pessoas que sempre me ajudaram em tudo, sempre me dando um auxílio ou voadora, às vezes psicologicamente, mas sempre me ensinando a enfrentar os problemas da vida e até questões de saúde.

Além do mais, existe na minha vida outro indivíduo, chama Amauri, que causa bastante discussões dentro desse convívio familiar tão delicioso de viver, e ao mesmo tempo tão complicado. Esse indivíduo é incrível, sempre me ajudando a salvar o meu computador do mundo obscuro do vírus. Por isso, para os outros familiares só tenho agradecer, pois sem vocês a minha vida estaria incompleta, apoio depositado para mim.

Meus amigos da universidade: Jonh Herbet, Eriglaube, Cesar, Joyce, Juliana Andréa, Franciely, Danúbia, Amanda Joyce, Elisangela Bruce, Rael, João Rocha, Vânia, Helena, Priscila, Neuly, Rafael, e entre outros colegas que forneceram valiosas horas de pura felicidade.

A todos os meus professores da Universidade: Marianne Bezerra, Edjane Assis, Arturo Gouveia, Hermano, Judy Rosas, João Paulo, Fátima Melo, e entre outros docentes que engrandeceram os meus conhecimentos no nível de graduando em Letras Português pela UFPB.

À minha orientadora Evangelina, por ser essa pessoa tão paciente e maravilhosa, que sempre me orientou nos projetos do PIBIC, onde engrandeceram minhas compreensões científicas, demonstrando a luta do programa PNAIC pela alfabetização e o letramento no ensino fundamental I, das redes públicas no Brasil.

ÁPORO

Um inseto cava
cava sem alarme
perfurando a terra
sem achar escape.

Que fazer, exausto,
em país, bloqueado,
enlace de noite
raiz e minério?

Eis que o labirinto
(oh razão, mistério)
Presto se desata:

em verde, sozinha,
antieuclediana,
uma orquídea forma-se.

(ANDRADE, Carlos Drummond de,
A rosa do Povo, 1ª ed.- São Paulo:
Companhia das Letras, 2012, p.45).

RESUMO

A reflexão sobre o trabalho docente vem adquirindo relevo nos últimos anos e tem se tornado um tema presente para pesquisadores, que estão preocupados com questões relacionadas ao processo de ensino-aprendizagem. É recorrente a formulação de programas visando à formação continuada de professores, cujo principal objetivo, ao contribuir para o seu desenvolvimento profissional, é elevar o nível de desempenho dos estudantes. Muitos desses programas estão sendo realizados em regime de colaboração entre as diferentes instâncias do poder público, com a parceria de Instituições de Ensino Superior – IES, como é o caso do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), que tem como eixo central a formação continuada de professores alfabetizadores. Com o intuito de fortalecer este processo de melhoria da alfabetização, este trabalho, de caráter qualitativo, procura conhecer concepções de leitura de professoras do ciclo da alfabetização, para entender como as docentes concebem o processo de leitura e o traduzem em sala de aula, portanto o trabalho tem como objetivo conhecer e discutir concepções de leitura de professores participantes da formação do PNAIC. Teoricamente, nos apoiamos em SOARES (2003), ROJO (2009), BAKTHIN (1995), VYGOTSKY (1998) e nos materiais desenvolvidos para a Formação do PNAIC. Metodologicamente, analisamos entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras de dois municípios paraibanos (Picuti e João Pessoa) e acompanhamos práticas de leitura, em sala de aula. Dentre as principais conclusões de nosso trabalho está a percepção de práticas de leituras coerentes as perspectivas adotadas pelo PNAIC.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento, Alfabetização, Práticas de leituras.

ABSTRACT

Reflection on teaching work has been gaining ground in recent years and has become a theme for researchers who are concerned with issues related to the teaching-learning process. The formulation of programs aimed at the continuous training of teachers is a recurring theme, whose main objective, in contributing to their professional development, is to raise the level of student performance. Many of these programs are being carried out in a collaborative manner between different public authorities, with the partnership of Higher Education Institutions (IES), such as the National Pact for Literacy in the Right Age (PNAIC), which has as its central axis the continuing education of literacy teachers. In order to strengthen this process of improving literacy, this qualitative work seeks to understand the reading conceptions of teachers in the literacy cycle, to understand how teachers conceive the reading process and translate it into the classroom, therefore the work aims to meet and discuss reading conceptions of teachers participating in the formation of the PNAIC. Theoretically, we rely on SOARES (2003), ROJO (2009), BAKTHIN (1995), VYGOTSKY (1998) and the materials developed for the PNAIC Formation. Methodologically, we analyzed interviews with literacy teachers from two municipalities of Paraíba (Picuti and João Pessoa) and followed reading practices in the classroom. Among the main conclusions of our work is the perception of consistent reading practices the perspectives adopted by the PNAIC.

KEYWORDS: Literacy, literacy, reading Practices.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1: Organização do PNAIC PB	16
Figura 2: Imagens da Práticas de Leitura.....	43
Figura 3: Imagens das Práticas de Leitura da 1ª atividade.....	45
Figura 4:Imagens das Práticas de Leitura da 2º atividade.....	48

TABELAS

Tabela 1: Descrições das Funções da Gestão do PNAIC	17
Tabela 2: Cadernos do PNAIC	19
Tabela 3: Direitos e Aprendizagens da leitura (Língua Portuguesa)	28
Tabela 4: O questionário da Entrevista	33

Sumário

INTRODUÇÃO	24
CAPITULO 1: O QUE É O PNAIC?	13
1.1 Contexto Histórico do PNAIC	14
1.2. Estrutura do PNAIC no Estado da Paraíba	16
1.3 Matérias desenvolvidos pelo PNAIC	18
1.4 Concepção de leitura no PNAIC	22
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS	30
2.1- Descrição do Corpus	31
2.1.1- Acompanhamento das formações do PNAIC na UFPB	31
CAPITULO 3: ANÁLISES DOS DADOS	33
3.1- Compressões e Análises das entrevistas	33
3.2- Práticas de Leitura na perspectiva do Letramento	42
3.2.1- Práticas de Leitura no Município de Picuí	42
3.2.2- Práticas de Leitura no Município de João Pessoa	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	53
ANEXO I	56
ANEXO II	66
ANEXO III	67
ANEXO IV	68
ANEXO V	69

INTRODUÇÃO

As pesquisas na área da aquisição da escrita, nos últimos vinte anos, têm provocado uma revolução na forma de compreender como esse conhecimento é construído. Hoje já se sabe que a aprendizagem da escrita envolve dois processos: entender a natureza do sistema de escrita da língua — as letras, as palavras — e o funcionamento da linguagem que se usa para escrever — os aspectos discursivos. Porém, ainda há muita celeuma em relação a esta questão e muitas práticas se distanciam dessa visão.

Tradicionalmente, acredita-se que a alfabetização seja realizada em dois momentos distintos. No primeiro, previsto para durar em geral um ano, o professor deve ensinar o sistema alfabético de escrita (a correspondência fonográfica) e algumas convenções ortográficas do português — o que garantiria ao aluno a possibilidade de ler e escrever por si mesmo, condição para poder prosseguir para o segundo momento, em que se desenvolvem a leitura, os treinos ortográficos e a escrita. Hoje essa dicotomia, na teoria, está superada, sendo vista conjuntamente, porém a prática, muitas vezes, não consegue experiência com esses dois momentos simultaneamente.

Com base nesse conhecimento, caminham esforços de governos, com lançamentos sucessivos de Programas Nacionais, para erradicar o analfabetismo e dar uma maior qualidade de domínio de língua para as crianças, como é o caso do Pacto Nacional Pela Alfabetização Na Idade Certa (PNAIC), que consiste em um acordo formal adquiridos pelos governos Federal, dos Estados e Municípios, instituído pelo MEC em parceria com as Universidades Públicas, e até consideração do processo da alfabetização de todas as crianças até os oito anos de idade, estarem ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental. Em 2014, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) passou a ser a instituição responsável na Paraíba pelo PNAIC, que envolve cerca de oito mil, quatrocentos e setenta professoras do ciclo de alfabetização, de todos os municípios da Paraíba. As ações do Pacto caracterizam em quatro eixos como: Formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo, materiais didáticos, obras literárias e de apoio pedagógico, jogos e Tecnológicos Educacionais, que consistem em avaliações sistemáticas, gestão, controle social mobilização.

Como membro participante do projeto PIBIC na UFPB, já trabalhando na pesquisa com a formação do PNAIC, esse trabalho de conclusão do curso tem como objetivo geral

aprofundar a discussão sobre concepções de leitura de professoras do ciclo da alfabetização, que participaram da formação, com o intuito de verificar a apreensão da concepção de leitura defendida nas formações do PNAIC. Os objetivos específicos são: compreender a concepção de leitura apresentada pelo PNAIC. Como também, observar e analisar práticas de leitura na sala de aula por docentes que estão na formação do Pacto Nacional pela Alfabetização, com intenção de verificar se as novas diretrizes de ensino/aprendizagem estão sendo implementadas; selecionar professores de escolas públicas de dois municípios paraibanos para observação das práticas; entrevistar professores para conhecimento de concepções de leitura.

O suporte teórico será fundamentado principalmente em BAKHTIN (1995), VYGOTSKY (1998) e nos materiais desenvolvidos para a formação do PNAIC. Metodologicamente, realizamos análise de entrevistas realizadas com professoras alfabetizadoras de dois municípios paraibanos (Picuí e João Pessoa) e de observações de práticas de leitura, em sala de aula.

O trabalho está organizado em três capítulos. No primeiro momento, explanaremos uma breve contextualização sobre o PNAIC e abordaremos sua concepção de leitura adotada nas formações. No segundo momento, explicaremos a metodologia adotada e, no terceiro capítulo, apresentaremos as análises das entrevistas e das observações das práticas.

CAPITULO 1: O QUE É O PNAIC?

Trata-se do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa- PNAIC- corresponde a uma ação inédita do Ministério da Educação (MEC) com um acordo formal instituído pelos governos federal, dos estados e municípios, e as universidades públicas, na tentativa de garantir a promoção da alfabetização das crianças até os oito anos de idade, ou seja, cheguem ao final do terceiro ano do Ensino Fundamental alfabetizadas. Em 2014, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) passou a ser a instituição responsável no estado pelo PNAIC, que envolve professoras do ciclo de alfabetização, de todos os municípios da Paraíba. (BRASIL, 2015).

Pensando na melhoria da alfabetização, o PNAIC focaliza os seus esforços na valorização dos professores e escolas na rede de alfabetização do país. Pois, na história do Brasil, sobretudo no campo educacional, temos observado que muitas crianças estão concluindo a escolarização nas redes públicas, sem estarem totalmente alfabetizadas.

Com isso, o Pacto busca lutar diretamente com tal realidade relatada, através do aperfeiçoamento e formação continuada profissional dos professores alfabetizadores, como também, a construção de práticas sistemáticas, a mobilização de gestão e a integração da escola com a comunidade. Em outra percepção, o PNAIC desenvolve a formação continuada para a profissionalização docente como sendo uma política nacional, contendo em suas configurações o respeito e a valorização o trabalho dos professores alfabetizadores. Desta maneira, as ações do Pacto caracterizam-se em quatro eixos:

- Formação continuada presencial para os professores alfabetizadores e seus orientadores de estudo;
- Materiais didáticos, obras literárias e de apoio pedagógico, jogos e tecnologias educacionais;
- Avaliações sistemáticas;
- Gestão, controle social e mobilização. (BRASIL, 2015, p.10)

Em vista de tais eixos principais para a formação continuada dos docentes alfabetizadores, o PNAIC apresenta algumas estratégias de gestão para as redes de ensino e para as escolas, contribuindo para as suas referências curriculares e pedagógicas

disponibilizadas pelo MEC, especialmente com a definição dos direitos de aprendizagem para cada área. Assim sendo, o Pacto fornece inúmeras discussões e reflexões sobre a alfabetização, seguindo a perspectiva do letramento. (BRASIL, 2015, p.11).

Sobre a concepção de avaliação recomendada pelo Pacto, ela traz a perspectiva do princípio da inclusão e assume uma dimensão formativa, processual considerando os vários sujeitos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. Chamando atenção, também para que haja uma avaliação também das práticas pedagógicas e não só do desempenho dos alunos. E a sua aplicação é direcionada para os alunos concluintes do 3º Ano do ensino fundamental I, resultando em uma avaliação externa de peso nacional e verificado pelo Instituto Nacional de Pesquisas e Estudos Educacionais (INEP). Assim sendo, nos anos de 2013 até 2017 o INEP aplica a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) (BRASIL, 2015)

Para melhor compreensão acerca do Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa (PNAIC), iremos apresentar em nossas subdivisões desse capítulo inicial, dados informativos sobre o PNAIC, sendo: o histórico do PNAIC, estrutura do PNAIC, os materiais desenvolvidos no PNAIC, e a concepção de leitura adotada pelo Pacto. Todos esses dados estão disponibilizados por meio virtual do site do PNAIC (Disponível em: <http://pacto.mec.gov.br/index.php>), e nos cadernos do PNAIC: o Apresentação e do Gestão.

1.1 Contexto Histórico do PNAIC

Seguindo uma linha cronológica dos 2012 até 2017, O Pacto Nacional pela Alfabetização da Idade Certa foi lançado no ano de 2012, dado exposto pelo próprio Sistema Informatizado de Monitoramento do PNAIC (o SisPacto). O PNAIC depois do seu lançamento oficial houve várias alterações no decorrer dos anos.

Em 2013, foram capacitados professores alfabetizadores, a partir daí cada ano do programa é definido um tema para a construção da formação continuada e houve um aprofundamento significativo das questões pedagógicas em várias áreas de conhecimento, com intuito de configurar uma perspectiva interdisciplinar, com carga horária específica para cada ano de formação

Além disso, nesse mesmo ano, o processo de formação foi configurado entre pares, resultando em curso presencial, enfatizando a área da linguagem, e tendo como objetivos

a articulação entre diferentes componentes curriculares, configurando em estratégias formativas que desenvolviam atividades de estudo, socialização da prática pedagógica entre os professores alfabetizadores.

Em 2014, cerca de 311.916 docentes alfabetizadores foram capacitados com a carga horária de cento e sessenta horas, desenvolvendo mais conhecimento na área de Matemática, permanecendo também a área de linguagem, com o intuito em aprofundar e ampliar os conhecimentos adquiridos de temas tratados na formação continuada do ano anterior.

Essa capacitação foi conduzida por orientadores de estudo, sendo os próprios professores que já estão inseridos das redes de ensino público, e que foram selecionados através de alguns critérios exigidos pelo próprio Ministério da Educação.

Já em 2015, o Pacto foi configurado através de ações reflexivas perante o papel do professor, sobretudo nas questões de tempo, espaço escolares, discussões com relação ao currículo inclusivo, onde defende em seus critérios curriculares os direitos de aprendizagem de todas as crianças, revigorando indagações sobre a identidades sociais e individuais integrando com os componentes curriculares, onde foram trabalhadas temáticas relevantes sobre a alfabetização, como: refletir sobre a Gestão Escolar, o Currículo, a própria criança do ciclo de alfabetização, a Interdisciplinaridade. Dessa forma, o PNAIC adota em seus estudos, que a alfabetização e o letramento das crianças caminham juntos para o enriquecimento educacional no Brasil. (BRASIL, 2015)

Dando procedimento a nossa linha cronológica, em 2016, foram capacitados 248.919 alfabetizadores, mas nessa versão o PNAIC também incluiu os coordenadores pedagógicos, tendo uma diminuição significativa na carga horas de todos os participantes, mas a inclusão dos coordenadores pedagógicos das escolas públicas, foi um passo fundamental para ampliação e implementação do PNAIC no “chão” da escola.

E vale ressaltar, em 2016, o objetivo central era de fortalecer as estruturas de gestão estadual e municipal, conjuntamente, foram inseridos na equipe de gestão do programa PNAIC, um representante e um coordenador da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME). Nesse mesmo ano de formação continuada, enfatizam suas discussões a respeito da leitura, escrita e letramento matemático. (BRASIL, 2015)

Por fim, em 2017, também ocorreram algumas modificações no programa do PNAIC, pois o Pacto passou a inserir uma política educacional sistêmica, visando a melhoria do ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa e Matemática no nível

fundamental, como também, incluiu na formação questões sobre a inclusão da Educação Infantil e o Programa Novo Mais Educação. Todas essas alterações adotaram uma estratégia parcialmente, descentralizada, com virtude de melhorar o ensino e aprendizado dos professores em nosso país.

Em vista de todas essas alterações ocorridas no decorrer dos anos pelo Pacto da Alfabetização pela Idade Certa no ponto de vista nacional, agora iremos focalizar nossas compreensões desse trabalho de conclusão de curso para o estado da Paraíba, explanando com riqueza de detalhes sobre a estrutura adotada pelo PNAIC na Paraíba.

1.2. Estrutura do PNAIC no Estado da Paraíba

Como descrevemos anteriormente, no início desse mesmo capítulo, informações acerca da implementação do Pacto em parceria com as universidades públicas em todo território nacional, agora iremos descrever sobre esse programa no estado da Paraíba.

Em 2014, a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) passou a ser a instituição responsável no estado pelo PNAIC, que envolve professores do ciclo de alfabetização, de todos os municípios paraibanos.

Na Paraíba, o PNAIC, em 2015, atendeu aos duzentos e vinte e três municípios paraibanos e ao Estado (as ações do PNAIC também foram estendidas nas escolas da rede estadual de ensino da Paraíba). O PNAIC segue a seguinte hierarquia em sua organização:

Figura 1: Organização do PNAIC PB



Fonte: Dados do SIMEC/SisPacto 2015.

Em vista dessa figura, iremos apresentar uma tabela significativa e descritiva que esclarece algumas informações sobre as funções da Gestão e formação do PNAIC. Veja:

Tabela 1: Descrições das Funções da Gestão do PNAIC

FUNÇÃO	DESCRIÇÃO
Coordenador Geral da IES	<p>É quem gesta de maneira geral o Pacto, no estado. Seleciona e coordena os Formadores, Supervisores e Coordenadores Adjuntos da IES;</p> <p>Elabora o Plano de Trabalho no SisPacto no prazo estabelecido pelo MEC;</p> <p>Assegura fidedignidade e correção ao cadastramento de seus dados pessoais registrados no SisPacto</p> <p>Encaminhar à SEB/MEC, por meio do SisPacto, relatórios de ocorrência relativos à interrupção, cancelamento do pagamento de bolsas ou substituição de bolsista(s);</p> <p>Homologa os cadastros dos participantes do Programa vinculados a sua IES nos sistemas disponibilizados pelo MEC;</p>
Coordenadores Adjuntos da IES	<p>Coordena ações de suporte tecnológico e logístico;</p> <p>Indica ao Coordenador Geral da IES a manutenção ou o desligamento de bolsistas; Recomenda a manutenção ou o desligamento dos Coordenadores das ações do Pacto nos estados, Distrito Federal e municípios às respectivas Secretarias de Educação; Ministra a formação para os Coordenadores das ações do Pacto nos estados, Distrito Federal e municípios; Planejar as ações pedagógicas, administrativas e financeiras em articulação com o Coordenador Geral da IES.</p>
Supervisores da IES	<p>É responsável por supervisionar os Orientadores de Estudo.</p>
Professores Formadores da IES	<p>É o responsável direto pela transmissão dos conteúdos, materiais, do estudo e conhecimento dos Cadernos na formação da IES. É o chamado multiplicador.</p> <p>Monitora a frequência, a participação e as avaliações dos orientadores de estudo no SisPacto;</p> <p>Acompanha as atividades dos Orientadores de Estudo junto aos Professores Alfabetizadores;</p> <p>Organizar os seminários ou encontros com os orientadores de estudo para acompanhamento e avaliação da Formação;</p> <p>Elaborar e encaminha ao Supervisor da Formação os relatórios dos encontros presenciais;</p> <p>Analisa, em conjunto com os Orientadores de Estudo, os relatórios das turmas de professores alfabetizadores e orienta os encaminhamentos;</p> <p>Assegura que frequentem a formação apenas os Orientadores de Estudo devidamente cadastrados no SisPacto.</p>
Coordenadores Locais da IES	<p>É aquele que coordena, avalia e acompanha a frequência dos Orientadores de Estudo e os Professores. É quem gesta as atividades do PNAIC em seu município. Organiza e coordena o seminário de socialização de experiências em seu âmbito de atuação (municipal, estadual ou distrital). Acompanha as ações da Secretaria de Educação na aplicação das avaliações diagnósticas e assegura que os professores</p>

	alfabetizadores registrem os resultados obtidos pelos alunos no SisPacto. Se reuni regularmente com o titular da Secretaria de Educação para avaliar a implementação das ações do Pacto e implantar as medidas eventualmente necessárias.
Orientadores de Estudo da IES	Participa das formações presenciais da IES. É quem orientada, avalia e é responsável pelo repasse da formação ao Professor Alfabetizador.
Professor Alfabetizador da IES	Atua diretamente na alfabetização. Profissional de rede pública de ensino.

Fonte: Dados do SIMEC/SisPacto 2015.

Diante de tais ilustrações explicativas, conclui-se que o PNAIC, em sua estruturação central, é composto por forma sistemática, sendo dois grupos: em professores formadores, e o outro de orientadores de estudo (profissionais selecionados pelos municípios, em seus estados, e sempre obedecendo os critérios do MEC), depois um terceiro grupo contendo os professores alfabetizadores que trabalham com as crianças, resultando no foco principal do programa Pacto. Isto é, o docente formador (professor selecionado por universidade pública que desenvolve o programa Pacto) administra a formação dos orientadores de estudos, e tais orientadores organizam a formação dos professores alfabetizadores. (BRASIL, 2015). A seguir, iremos expor os materiais desenvolvidos pelo PNAIC.

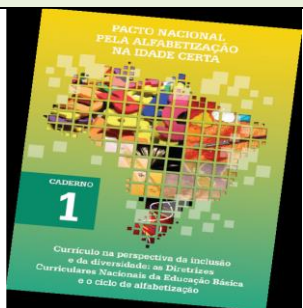
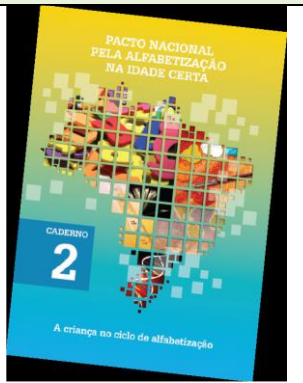
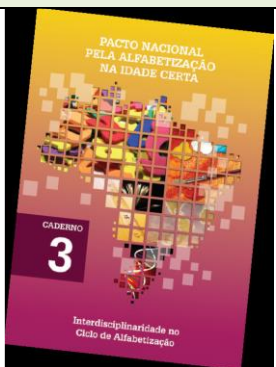
1.3 Matérias desenvolvidos pelo PNAIC


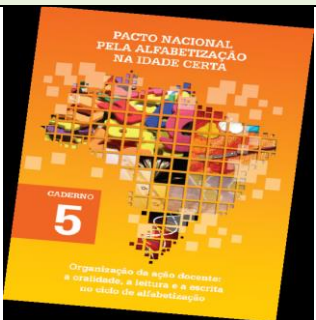
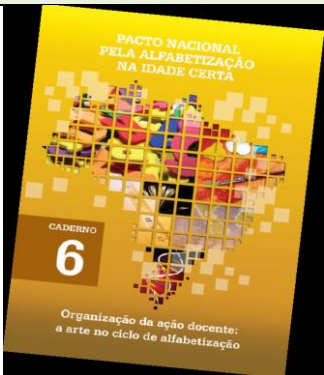
O Programa Pacto Nacional pela Idade Certa tem desenvolvido várias ações que remetem no trabalho reflexivo dos professores, através dos princípios da própria formação continuada que guiam nos dez Cadernos*, desenvolvidos pelo Pacto, onde constata sobre a prática reflexiva (configurada na ação circular entre a prática pedagógica e a reflexão teórica, ocasionando assim, na reelaboração do ensino da alfabetização), a constituição da identidade profissional, a socialização. O engajamento e por fim, a colaboração. (BRASIL, 2015)



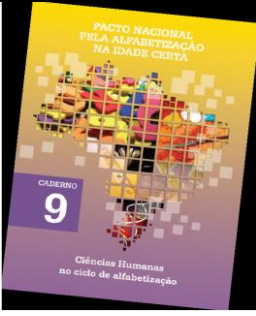
*Vale salientar, que no ano de 2013 (coordenação da UFPE) e 2014, também os estudos de formação foram norteados por cadernos. Em 2013 com foco em Língua Portuguesa, considerando cada ano do ciclo de alfabetização, sugerindo os direitos de aprendizagens e em 2014 os cadernos focaram os usos da matemática.


Sobre os dez cadernos de estudo desenvolvidos pelo PNAIC e a organização pedagógica desse programa, seguindo duas perspectivas: o a Inclusão e da Interdisciplinaridade. Em vista disso, iremos ilustrar esses cadernos e apresentar apenas dois objetivos iniciais dessas 10 unidades. Veja

Tabela 2: Cadernos do PNAIC

CADERNO 1	Currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o ciclo de alfabetização;
	Dois objetivos iniciais são: <ul style="list-style-type: none"> • Compreender diferentes necessidades e elementos essenciais para a organização do ensino na alfabetização; • Analisar e elencar critérios para a seleção e utilização de livros didáticos.
CADERNO 2	A criança no ciclo de alfabetização;
	Dois objetivos iniciais são: <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre os conceitos de “criança” e “infância” e sua pluralidade, compreendendo-os enquanto produtos das relações socioculturais; • Compreender a importância do lúdico no desenvolvimento infantil, valorizando a sua presença no processo educativo da criança;
CADERNO 3	Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização
	Dois objetivos iniciais são: <ul style="list-style-type: none"> • Compreender o conceito de interdisciplinaridade e sua importância no Ciclo de Alfabetização; • Compreender o currículo em uma perspectiva interdisciplinar;

CADERNO 4	A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na alfabetização;
	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Compreender diferentes necessidades e elementos essenciais para a organização do ensino na alfabetização; • Analisar e elencar critérios para a seleção e utilização de livros didáticos;
CADERNO 5	Organização da ação docente: a oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização
	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre a concepção de alfabetização na perspectiva do letramento e suas implicações para a ação docente; • Analisar práticas alfabetizadoras, apreendendo os princípios pedagógicos subjacentes a elas;
CADERNO 6	Organização da ação docente: a arte no ciclo de alfabetização
	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Refletir sobre os principais pressupostos teórico-metodológicos do Ensino de Arte na contemporaneidade; • Refletir sobre a especificidade do Ensino de Arte das diferentes linguagens artísticas (Artes Visuais, Dança, Música e Teatro);
CADERNO 7	Organização da ação docente: alfabetização matemática na perspectiva do letramento

	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Retomada dos conceitos fundamentais discutidos em 2013 e 2014; • Reflexão sobre a organização de ações didáticas que integram diferentes áreas de conhecimento, por meio do ensino de conceitos matemáticos.
<p>CADERNO 8</p>	<p>Organização da ação docente: Ciências da Natureza no Ciclo de Alfabetização</p>
	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Conhecer conceitos das Ciências da Natureza em um processo que envolve curiosidade, busca de explicações por meio de observação, experimentação, registro e comunicação de ideias utilizando diferentes linguagens; • Entender os movimentos do “fazer ciência”, reconhecendo o seu papel neste processo;
<p>CADERNO 9</p>	<p>Organização da ação docente: Ciências Humanas no Ciclo de Alfabetização</p>
	<p>Dois objetivos iniciais são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situar acontecimentos históricos e geográficos, localizando-os em diversos espaços e tempos. • Relacionar sociedade e natureza, reconhecendo suas interações e procedimentos na organização dos espaços, presentes tanto no cotidiano quanto em outros contextos históricos e geográficos.
<p>CADERNO 10</p>	<p>Integrando Saberes</p>

	<p>Objetivo inicial:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Apresentar uma coletânea de relatos de experiências que permitem ampliar a discussão sobre todos os temas tratados ao longo do ano.
---	--

Fonte: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no ciclo de Alfabetização. Caderno de Apresentação/ Ministério da Educação. Brasil. 2015, p. 34-40.

Para o auxílio no desenvolvimento da leitura e da escrita em sala de aula, o PNAIC conta com os seguintes recursos didáticos:

- Livros didáticos;
- Livros de literatura (PNBE);
- Obras Complementares (PNLD);
- Jogos de alfabetização (caixa 2);
- Baú da aprendizagem. (BRASIL, 2015)

Ao término do ano, Gestores, Coordenadores Locais e Professores do PNAIC se reúnem em seus municípios para um seminário final, onde todos apresentam e discutem as atividades e as ações do Pacto no decorrer dos anos.

1.4 Concepção de leitura no PNAIC

Para situar nesse trabalho de conclusão de curso, precisamos contextualizar o surgimento do PNAIC tanto em termos teóricos como em termos de prática e política governamental. Por isto, neste tópico, faremos duas explanações: a primeira sobre o momento do PNAIC dentro dos estudos da Educação e a segunda sobre o momento de constituição do Pacto como ação governamental.

Para compreender a proposta interacionista do PNAIC é preciso conhecer o contexto em que suas bases surgiram, pois o momento histórico de constituição das teorias tem, em geral, informações importantes para que tenhamos como entender a que outros sujeitos estas teorias falavam/falam e a que pressões estavam submetidas e

tentavam/tentam suprir. Para isto, voltaremos nosso olhar ao construtivismo como forma de prática pedagógica muito utilizada no Brasil, nas últimas décadas do século passado.

A linha de pensamento em psicologia, que foi nomeada de Construtivismo, é baseada nos estudos epistemológicos do suíço Piaget, que estava interessado na natureza do conhecimento, ou, em como conhecemos aquilo que conhecemos. Por esta razão, Piaget (1973) frequentemente voltava sua atenção para o desenvolvimento infantil, o que o levou a fazer inferências sobre o desenvolvimento da linguagem.

O autor trata a linguagem como resultado de um processo biológico maturacional que acredita que a criança, após superar o estágio sensório motor (ou seja, após superar o egocentrismo radical), está organicamente preparada para adquirir a linguagem, da mesma forma que adquiriria qualquer outro conhecimento. Para realizar isto e ser capaz de desenvolver a função simbólica, a criança precisa passar por três processos:

- a) O da descentralização das ações em relação ao corpo próprio, isto é, entre sujeito e objeto (ou entre “eu” e “o outro” ou “eu” e “o mundo”); o sujeito começa a se conhecer como fonte ou senhor de seus movimentos;
- b) O da coordenação gradual das ações: [...] elas passam a se coordenar para constituir uma conexão entre meios e fins;
- c) O da permanência do objeto, segundo o qual o objeto permanece o mesmo e igual a si próprio quando não está presente no espaço perceptual da criança. (SCARPA, 2012, p.249)

Superados estes processos, a criança está apta à possibilidade de tomar para si os símbolos que são utilizados em sua sociedade. O que ocorrerá caso o ambiente a instigue a substituir seus signos próprios pelos signos socialmente estabelecidos. Isto não significa que a teoria piagetiana não trabalhe com as influências sociais no desenvolvimento humano ou as negue. A natureza da pesquisa desenvolvida pelo mesmo cria um recorte de corpus que não tem a interação em seu centro, mas não a despreza. Como diz o próprio autor

Se tomarmos a noção do social nos diferentes sentidos do termo, isto é, englobando tanto as tendências hereditárias que nos levam à vida em comum e à imitação, como as relações “exteriores” (no sentido de Durkheim) dos indivíduos entre eles, não se pode negar que, desde o nascimento, o desenvolvimento intelectual é, simultaneamente, obra da sociedade e do indivíduo. (PIAGET, 1973, p.242)

Contudo, o construtivismo não é fundamentado apenas pelo estudioso, é também resultado de um processo de leitura e releituras de diversos trabalhos, especialmente os trabalhos do livro *A psicogênese da língua escrita* (FERREIRO &TEBEROSKY, 1999). Partindo de uma interpretação deste trabalho que pode ser questionada, Soares (2004) afirma que ocorreu no Brasil uma forte mudança conceitual nas práticas voltadas para a alfabetização durante os anos de 1980. Influenciados pela ideia maturacional da linguagem que nasce em Piaget (1973), a prática de alfabetização passa a ser vista como um processo de interação entre a criança e a escrita, pois, através desta interação com os textos a criança constituiria hipóteses de forma progressiva, com base nas suas próprias inferências sobre a escrita.

Então, junto a isto veio a concepção de que não era mais necessária a forte presença de um método voltado especificamente para o ensino do sistema de escrita alfabética, o que acarretou em uma destituição da escrita de sua especificidade enquanto forma de conhecimento. A este respeito Soares (2003) afirma que

Em suma, a leitura que foi feita – e que foi aplicada – da proposta diz que as crianças aprendem em contato com o objeto de estudo, em detrimento das práticas metodológicas de ensino, pois se compreendia que a teoria construtivista não admite um método de alfabetização que trabalhe o ensino do sistema de escrita diretamente (ou anterior às hipóteses dos alunos), assim as crianças passaram a ter contato com diversos textos, sem receber simultaneamente uma orientação sistemática forte para a atividade de escrita e leitura. Como bem observa Magda Soares (2003) em artigo para a Revista *Presença Pedagógica*:

Essas duas aprendizagens – aprender a técnica, o código (decodificar, usar o papel, usar o lápis etc.) e aprender também a usar isso nas práticas sociais, as mais variadas, que exigem o uso de tal técnica – constituem dois processos, e um não está antes do outro. São processos simultâneos e interdependentes, pois todos sabem que a melhor maneira para aprender a usar um forno de microondas é aprender a tecnologia com o próprio uso. Ao se aprender uma coisa, passa-se a aprender a outra. São, na verdade, processos indissociáveis, mas diferentes, em termos de processos cognitivos e de produtos, como também são diferentes os processos da alfabetização e do letramento. (SOARES, 2003, p. 16)

Logo, não teve êxito quando se observa os resultados destes alunos durante todo o processo da Educação Básica, além dos baixos índices em exames nacionais. É neste contexto que a proposta interacionista da linguagem e do ensino surge como uma alternativa teórica e metodológica para a alfabetização.

O interacionismo entende que a constituição do conhecimento sobre a linguagem deve, além de estar baseada no contato com os textos que são tratados como o principal objeto da alfabetização, ser permeada por uma prática baseada em métodos que abranjam o sistema de escrita (em suas características enquanto sistema) e os usos sociais dos textos, como Vygotsky (1998), que defende que a aquisição de conhecimentos pode ser consolidada através da interação do sujeito com o meio social. Ou seja, a criança deve ser instruída sobre o código escrito ao mesmo tempo em que é inserida em práticas de letramento que dêem sentido às formas que a escrita assume socialmente.

Esta é compreensão da aquisição de escrita e da leitura é trabalhada pelo PNAIC, que surge como materialização da proposta sócio- interacionista para a alfabetização. O Pacto concebe que a aquisição da escrita deve estar relacionada à aquisição da leitura nos primeiros momentos da alfabetização. Com diversas atividades que trabalham textos literários e jogos, buscando unir letramento e alfabetização (a discussão alfabetização versus letramento será feita adiante) no cotidiano da sala de aula, como forma de dar à criança a possibilidade de contato com os usos reais da língua e, através deles, refletir sobre o processo de escrita e leitura para adquiri-los.

No processo de alfabetização, Rojo (2009), em sua obra “Letramentos Múltiplos e Inclusão Social”, apresenta inúmeros questionamentos relevantes acerca da importância na educação linguística, voltados para leitura e a escrita. Além disso, a mesma explana que o maior desafio da escola é

“potencializar o diálogo multicultural, trazendo para dentro de seus muros não somente a cultura valorizada, dominante, canônica, mas também as culturas locais e populares e a cultura de massa, para torná-las vozes de um diálogo, objetos de estudo e de crítica”. (ROJO, 2009, p.12)

Pode-se perceber, no período contemporâneo, que os avanços tecnológicos vêm adquirindo cada vez mais espaço no paradigma educacional, sobretudo nas metodologias didáticas de alguns professores da alfabetização. Por isso, cada vez mais cedo as crianças estão inseridas no mundo das tecnologias digitais.

Um ensino baseado nos gêneros, tal como os concebe Bakhtin (1995), é essencialmente um ensino que parte das práticas sociais de produção discursiva, não podendo se limitar à simples observação do formato textual que é utilizado. Esta é a

compreensão de ensino de língua materna que permeia a proposta do PNAIC. No caderno Planejamento escolar: alfabetização e ensino de língua portuguesa, O PNAIC deixa claro a necessidade de dar à prática da alfabetização um sentido social, que sensibilize o aluno para a relevância do que está sendo ensinado, para que ele “vivencie a leitura, a produção de texto escrito, a produção e compreensão de textos orais e a apropriação do Sistema de Escrita Alfabética como práticas relevantes e interessantes” (PNAIC: Planejamento escolar, 2012, p. 8)

Dessa forma, queremos dizer que observar o funcionamento desta organização nos momentos de formação continuada é uma ponte para reflexão do papel esperado de ações deste tipo, sua real efetivação. A formação continuada tem sido comumente trabalhada como uma ação pontual de trabalho com docentes (ou outros profissionais da educação) que busca alterar algum aspecto da prática pedagógica ou resolver problemas que são encontrados na cadeia do sistema educacional. Isto pode ser facilmente percebido se olharmos para alguns programas anteriores que auxiliaram a educação, mas tiveram um prazo de execução relativamente limitado por diversos fatores. Ações estas que tiveram impacto positivo sobre nosso sistema de educação, mas, não puderam ser observadas no processo de consolidação das práticas e metodologias sugeridas em um recorte longitudinal.

Com isto, queremos dizer que a ação de formação continuada deve ser concebida como uma parte integrante do processo de formação de docentes e não como um ato pontual de correção ou alteração de práticas. Se olhada de um ponto de vista macro, a formação continuada e a formalização de um processo natural de construção de conhecimentos, assim como o sistema educacional em seus outros níveis, pois

O processo de evolução cultural cumulativa exige não só invenção criativa mas também, e de modo igualmente importante, transmissão social confiável que possa funcionar como uma catraca para impedir o resvalo para trás – de maneira que o recém-inventado artefato ou prática preserve sua forma nova e melhorada de modo bastante fiel pelo menos até que surja uma outra modificação ou melhoria. (TOMASELLO, 2003, p. 6)

Nesta linha, a formação continuada pode ser vista como um mecanismo de consolidação e inovação de conhecimento, no nosso caso, permitindo que professores alfabetizadores apliquem em contextos reais aquilo que a academia tem produzido como sugestão de melhoria para a prática docente e criando meios para que a ciência (neste caso educação e linguística) possa avaliar suas próprias conclusões e verdades.

Além deste aspecto de construção social do conhecimento, a formação continuada pode auxiliar docentes em situações e contextos específicos que possuam natureza sazonal ou temporária, pois as práticas que foram aplicadas em determinada turma podem não ser eficaz em outra, ou até na mesma, variando-se o momento de aplicação.

Ainda falando sobre formação, consideramos importante observar a presença e o formato que assumiram os conteúdos relacionados à leitura que foram abordados na formação do Pacto ofertada pela UFPB em 2015 **. Um dos pontos principais para a formação foi o foco na leitura deleite.

Esta prática sugerida pelo Pacto consiste na realização da leitura de um texto para despertar no aluno o gosto da leitura. Este texto não tem relação obrigatória com o conteúdo da aula, nem possui motivações puramente didáticas na sua construção. São textos da literatura infantil de fato. Muito além de apenas oferecer explicações sobre a importância da prática da leitura, o PNAIC UFPB inseriu os orientadores de estudo, em práticas reais de leitura deleite, como se eles fossem os alunos da alfabetização.

Assim, em cada turno da formação de linguagem era feita uma leitura deleite de livros literários infantis. Essa prática foi importante para dar visibilidade ao lugar da leitura no processo de alfabetização. Da mesma forma, é importante ressaltar a forte presença de atividades com foco em diferentes gêneros textuais, ao longo da formação.

É esta proposta interacionista para a alfabetização, que o PNAIC oferece. Isto é, o Pacto concebe que a aquisição da escrita deve estar diretamente relacionada à aquisição da leitura, e isso deve estar presente nos primeiros momentos da alfabetização.

O PNAIC oferece, em seus cadernos de formação continuada para os docentes da rede de alfabetização, diversas propostas de atividades que trabalham vários textos literários, tendo como finalidade unir letramento e alfabetização no cotidiano da sala de aula, objetivando dar para a criança uma possibilidade de contato com os textos dos usos reais da língua (o letramento), e perante esses objetos textuais o aluno desenvolve uma reflexão sobre o processo de escrita e leitura (a alfabetização), tendo como mediador o professor para orientá-lo sempre nessas propostas pedagógicas.

**Vale salientar que a concepção de leitura também está presente nas orientações dos cadernos no ano de 2013 e 2014.

A Leitura no PNAIC se dá na relação intrínseca, entre o autor, leitor e o próprio texto, levando em consideração os conhecimentos prévios das crianças e aquelas informações que serão ativadas durante a atividade de leitura, que também deve atribuir sentido na vida social da criança.

Com base nessa concepção de leitura, o PNAIC, sugeriu no eixo da leitura, os direitos de aprendizagens que necessitam ser introduzidos, aprofundados e causalizados, conforme cada ano do ciclo de alfabetização, como mostra a tabela a seguir:

Tabela 3: Direitos e Aprendizagens da leitura (Língua Portuguesa)

Leitura	Ano 1	Ano 2	Ano 3
Ler textos não-verbais, em diferentes suportes.	I/A	A/C	A/C
Ler textos (poemas, canções, tirinhas, textos de tradição oral, dentre outros), com autonomia.	I/A	A/C	C
Compreender textos lidos por outras pessoas, de diferentes gêneros e com diferentes propósitos.	I/A	A/C	A/C
Antecipar sentidos e ativar conhecimentos prévios relativos aos textos a serem lidos pelo professor ou pelas crianças.	I/A	A/C	A/C
Reconhecer finalidades de textos lidos pelo professor ou pelas crianças.	I/A	A/C	A/C
Ler em voz alta, com fluência, em diferentes situações.	I	A	C
Localizar informações explícitas em textos de diferentes gêneros, temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente.	I/A	A/C	C
Localizar informações explícitas em textos de diferentes gêneros, temáticas, lidos com autonomia.	I	A/C	A/C
Realizar inferências em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente.	I/A	A/C	A/C
Realizar inferências em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia.	I	I/A	A/C
Estabelecer relações lógicas entre partes de textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente.	I/A	A/C	A/C
Estabelecer relações lógicas entre partes de textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia.	I	A	A/C
Apreender assuntos/temas tratados em textos de diferentes gêneros, lidos pelo professor ou outro leitor experiente.	I/A	A/C	C
Apreender assuntos/temas tratados em textos de diferentes gêneros, lidos com autonomia.	I	A	A/C
Interpretar frases e expressões em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente.	I/A	A/C	A/C
Interpretar frases e expressões em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos com autonomia.	I/A	A/C	A/C
Estabelecer relação de intertextualidade entre textos.	I	I/A	C
Relacionar textos verbais e não-verbais, construindo sentidos.	I/A	A/C	A/C
Saber procurar no dicionário os significados das palavras e a aceção mais adequada ao contexto de uso.		I	A

I- Introduzir; A- Aprofundar; C- Consolidar

Fonte: Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na Alfabetização:
Concepções e Princípios, 2012, p.33

Dessa maneira, o PNAIC defende em um ensino baseado nos gêneros textuais, como explana Bakhtin (1995), pois é essencial que o ensino precise partir de práticas sócias de produção discursiva, contudo não devemos eliminar à simples observação do formato e suporte textual. Configura-se como uma proposta, de uso de língua e não de classificação de termos da língua. Assim, nos apresentaremos a seguir a metodologia adotada para o andamento dessa pesquisa científica.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Nossa pesquisa é constituída por base qualitativa interpretativista, segundo os autores Ricardo Bortoni e Stella Maris (2008), na obra titulada *O professor pesquisador/ Introdução à pesquisa qualitativa*, onde explica que

a denominação Interpretativismo, podemos encontrar um conjunto de métodos e práticas empregados na pesquisa qualitativa, tais como: pesquisa etnográfica, observação dos participantes, estudo de caso, interacionismo simbólico, pesquisa fenomenológica e pesquisa construtivista, entre outros. Interpretativismo é uma boa denominação geral porque todos esses métodos têm em comum um compromisso com a **interpretação** das ações sociais e com o significado que as pessoas conferem a essas ações na vida social. (BORTONI&MARIS, 2008, p.33-34)

Diante das palavras objetivas construídas pelos autores, explicando sobre a pesquisa qualitativa interpretativista, nossa pesquisa também desenvolve aspectos que caracterizam como sendo uma pesquisa descritiva, como argumenta Antônio Carlos Gil (2002), no livro denominado: *Como elaborar projetos de pesquisa*, esclarece que

as pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como questionário e a observação sistemática. (GIL, 2002, p.42)

Todas essas compreensões teóricas têm como finalidade propor melhor entendimento sobre os tipos de pesquisas adotados em nossos procedimentos metodológicos, nas coletas de dados e nas análises, pois nós consideramos extremamente, necessário descrever tais conceitos, porque esse trabalho de conclusão de curso utiliza diretamente, os dados, que foram coletados dentro de outra pesquisa acadêmica (PIBIC), frutos de um questionário realizado com duas professoras alfabetizadoras do programa do PNAIC, em 2016, e de observações de aula, que, posteriormente, iremos apresentar com mais detalhes.

Para melhor entendimento desse capítulo, iremos dividi-lo em duas etapas, na primeira etapa representa a descrição da coleta do corpus, que oferece informações relevantes sobre nosso trabalho atual, pois resgata a pesquisa desenvolvida. Já na outra etapa, justificaremos sobre as escolhas dos dois municípios paraibanos e suas escolas.

2.1- Descrição do Corpus

Para configurarmos discussões e análises atuais desse trabalho de conclusão, devemos expor primeiramente, que os dados prévios foram providos de um projeto pesquisa vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), tendo como título- Alfabetização e PNAIC: um olhar sobre a implementação do programa na Paraíba- em que participei como uma das bolsistas, nos anos de 2015 a 2016, tendo como orientadora desse projeto a docente *Evangelina Maria Brito Faria*. Além disso, teve como objetivo central conhecer práticas de leitura de professoras no ciclo de alfabetização.

Isto é, durante o mês de agosto de 2015 e em alguns meses subsequentes, realizamos reuniões para o estudo das teorias selecionadas para este projeto: teorias da interação verbal e estudos em aquisição da linguagem, como também, a leitura dos cadernos elaborados para a formação do PNAIC. A fim de conhecer na teoria, o conjunto das ponderações teóricas que dariam suporte à análise dos dados levantados durante a pesquisa. Em vista disso, relataremos a seguir sobre o acompanhamento das formações do PNAIC na UFPB, em 2015.

2.1.1- Acompanhamento das formações do PNAIC na UFPB

Devido ao projeto do PIBIC, tivemos a oportunidade de participar dessa formação do ano 2015, nos meses de Agosto nos dias 10 a 13, que abordou sobre: a importância da leitura Deleite, à sua rotina e organização metodológica. Também constou na formação jogos e brincadeiras que estimulam na ampliação dos conhecimentos didáticos para os alunos, tendo como suporte teórico o primeiro caderno desenvolvido pelo PNAIC, que descreve a relevância do currículo na perspectiva da inclusão e da diversidade: as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica e o Ciclo de Alfabetização.

Por conseguinte, essa mesma formação, proporciona aos professores alfabetizadores várias construções coletivas, partindo da ideia de que os direitos de aprendizagem são à base para o desenvolvimento das habilidades linguísticas, no ciclo de alfabetização. A seguir iremos descrever e expor análises, reflexões perante os nossos

dados coletados para aprofundamento de conhecimento para a nossa pesquisa de conclusão do curso.

CAPITULO 3: ANÁLISES DOS DADOS

Para o levantamento de dados, primeiramente realizamos entrevistas e depois observações das práticas com duas professoras alfabetizadoras, em dois municípios paraibanos distintos, mas ambos são escolas públicas de ensino. Em vista disso, no ponto mais metodológico para a melhor compreensão do leitor, subdividimos esse capítulo dois momentos, o primeiro momento consiste nas descrições e análises dos questionários realizados com duas docentes alfabetizadoras nos municípios de Picuí e João Pessoa. E por fim, o segundo momento representa as observações e análises das práticas pedagógicas (entrevista completa desse questionário- ANEXO I).

3.1- Compressões e Análises das entrevistas

Para o levantamento de dados de nossa pesquisa, concretizamos a construção de um questionário voltado exclusivamente no campo da leitura. Veja:

Tabela 4: O questionário da Entrevista

1	Como você compreende a prática de leitura?
2	Como você trabalha a leitura?
3	Como o PNAIC ajudou com o trabalho da leitura em sala de aula?
4	Quais são as suas práticas de leituras mais recorrentes?
5	Em suas perspectivas, as práticas em sala de aula correspondem as discutidas na proposta de formação?
6	Quais são os obstáculos que impedem que haja uma efetivação real das propostas da formação para o ensino da leitura na sala de aula?

Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica

Logo, iniciamos nossa pesquisa, no Município de Picuí, precisamente, na *Escola Municipal de Ensino Fundamental Felipe Tiago Gomes* (fotos da escola- ANEXO II), no bairro Monte Santo, localizado na rua Anibal da Cunha Macedo, onde representa como sendo em um ambiente periférico, as aulas são do turno da manhã, na turma do 2ª ano, com a “docente alfabetizadora 1”, sempre nas sextas feiras, nos dias 18 de Março e 15 de Abril no ano de 2016.

Sobre a primeira professora alfabetizadora entrevistada, a mesma relatou que já foi auxiliar da educação em 2003 no ensino do 1º ano, em Nova Florença, é professora da alfabetização faz onze anos, e que em 2008 iniciou em Picuí, quando passou no concurso, também na turma de 1º ano, além de estar participando na formação continuada do PNAIC desde 2013. E por fim, menciona que sempre esteve no ambiente escolar, por influências da sua mãe, que também é alfabetizadora, mas agora está trabalhando na direção escolar de uma escola em Nova Florença.

Continuando a coleta de dados, o segundo momento da nossa pesquisa foi efetuado na Escola Municipal Monteiro Lobato (Fotos da escola- ANEXO III), localizado na rua José da Cunha, no Conjunto Costa e Silva, em João Pessoa. Sendo, no horário da tarde, na turma do 1º Ano da alfabetização, tendo como “professora alfabetizadora 2”, que leciona no campo pedagógico desde de 2003, formada pela Universidade Federal da Paraíba, campos I.

Com isso, metodologicamente, listaremos alguns recortes dessa entrevista. A partir desses recortes, procederemos com a análise.

1. COMO VOCÊ COMPREENDE A PRÁTICA DE LEITURA?

Respostas:

- A primeira docente alfabetizada do município do Picuí, responde:

-Eu compreendo a prática de leitura como essencial no processo de alfabetização, porque o processo de alfabetização é juntamente esse foco que a gente tem *né!* Da criança ler e escrever durante esse processo dos seis aos oito anos, então, com certeza na minha turma do primeiro ano e na minha turma do segundo ano, a leitura é foco. O meu foco é a leitura, porque é assim, é o processo principal pra criança *né!* Conhecer o mundo que tá em volta dela, ela precisa dessa leitura *né!* Então ela, o foco das nossas turmas é realmente a leitura, e ela se dar em sala de aula em várias formas *né!* Ela se dar de forma coletiva, ela se dar de forma individual, pelo professor que a prática nossa, assim, eu acho que desde de antes do PNAIC essa leitura *né!* .

- A segunda docente alfabetizadora de João Pessoa, responde:

- É uma prática nossa do professor ler pra criança, da criança ler, de uma ler pra outra, então, com certeza a leitura é importante da sala, no processo de alfabetização.

Em análise, dessas respostas que são bastante coerente com as diretrizes fornecido pelo PNAIC, durante a formação dos professores alfabetizadores, pois no mínimo, os

alfabetizadores precisam atender aos seguintes critérios para atuar nos anos iniciais do Ensino Fundamental: “ter domínio dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento do ensino da leitura e da escrita na perspectiva do letramento, ter habilidades para interagir com as crianças, promovendo situações lúdicas de aprendizagem, ser assíduo e pontual”. Ou seja, evidenciando compromisso com os processos pedagógicos e ter sensibilidade para lidar com a diversidade social, de gênero e etnia. (BRASIL, 2015, p.16)

Com isso, as docentes priorizaram o ensino da leitura, não utilizando as cartilhas ao ensinar a ler e escrever com base nos métodos analíticos ou sintéticos, onde exigia que as crianças apresentassem uma prontidão para o início do processo da alfabetização, assim, as mesmas além de valorizam o campo da leitura. Onde lemos nas suas palavras, percebemos que a leitura como um valor em si, como um valor na alfabetização. Leitura de forma variada, individual, coletiva, lida pelo professor e pela criança, como é exposta nos direitos e aprendizagens da leitura onde explica a importância de introduzir/ aprofundar/ consolidar, em “compreender textos lidos por outras pessoas, de diferentes gêneros e com diferentes propósitos” e “Ler textos (poemas, canções, tirinhas, textos de tradição oral, dentre outros), com autonomia”, são esses primeiros direitos de aprendizagem voltados para leitura que as docentes suscitam indiretamente em suas falas.

Como caracteriza no Caderno 02, titulado “A criança no Ciclo de Alfabetização”, inserido na formação do PNAIC, onde argumenta que a leitura envolve a aprendizagem de diferentes habilidades, tais como: “o domínio da mecânica que implica na transformação dos signos escritos em informações, a compreensão das informações explícitas e implícitas do texto lido e a construção de sentidos”. (BRASIL, 2015, p.15). Continuando análises do questionário:

2. COMO VOCÊ TRABALHA A LEITURA?

Respostas:

- Professora alfabetizadora 1:
 - Bom, a leitura a gente trabalha ela de várias formas, porque é importante diversificar esse processo em sala de aula, porque todo dia a gente ler da mesma forma né! Acaba que isso fica cansativo, então, a leitura ela se dar de várias formas, até na pergunta anterior que se dar de formas feitas pelo professor, feita pelo aluno, feita de forma coletiva, então, a leitura ela é trabalhada diversificada de várias formas na sala, individual, coletivo, em grupos, na sala de leitura [...]
- Professora alfabetizadora 2:

-Hoje a leitura na minha sala foi bem desenvolvida e planejada, então, eles fizeram a leiturinha coletiva, eles ficaram em pequenos grupos, iam lendo com os coleguinhas, então, hoje a leitura foi coletiva. Assim, a cada dia a gente procura diversificar esse processo na sala.

Em vista dessas respostas, as professoras compreendem a importância da diversificação, isto é, cabe ao professor ser o mediador da turma, auxiliando os alunos na elaboração de objetivos e expectativas de leitura, como também, na criação de hipóteses antes e durante o ato de ler, correlacionando os conhecimentos prévios dos alunos perante os textos, como estar explícito nos direitos e Aprendizagens da leitura: “antecipar sentidos e ativar conhecimentos prévios relativos aos textos a serem lidos pelo professor ou pelas crianças”

Em outras palavras, a ampliação das práticas de leitura, de fato quanto maior for a experiência de ouvir e ler textos mais elaborados, terá a produção de sentidos por parte do leitor, são essas orientações que a formação do PNAIC ressalta com ênfase durante o decorrer da capacitação.

Dessa forma, o ato de ler, sobretudo para as crianças é prática fundamental para despertar o gosto e o desejo pela leitura, assim sendo, ler não é sinônimo de contar histórias, ainda que esta prática seja fundamental na escola. Pois, quando lemos o texto escrito para nossos alunos, permitimos que eles apreendam aspectos peculiares da modalidade escrita, como a estrutura sintática, o vocabulário, os elos coesivos.

3. COMO O PNAIC AJUDOU COM O TRABALHO DA LEITURA EM SALA DE AULA?

Respostas:

- Professora Alfabetizadora 1:
 - O PNAIC, eu o considero que ele foi o divisor de águas, assim, no processo de alfabetização, a gente pode, sempre tem práticas de leituras nas salas de alfabetização, mas o PNAIC ajudou a gente a organizar o trabalho, porque depois que a gente começou a formação, eu acho que houve a mobilização maior, não só da sala, dos professores, porque o trabalho do PNAIC eu acho que ele passou a envolver mais a escola como o todo. Então, hoje a gente trabalha mais focado com a coordenação, com a gestão, eu acho que a gestão hoje também tem outro olhar pras turmas, ela se envolve mais. Antes eu percebia que a gestão se preocupava mais com o foco burocrático da escola, hoje eu vejo a gestão mais preocupada com o processo de leitura, com aquela criança que não tá no nível

desejado, então, isso também foi um passo pela formação, eu acho que depois da formação os gestores das escolas eles também estão vendo as turmas de alfabetização com outros olhos, eles estão mais participativo, eles perguntam, eles interagem mais, tanto na escola que eu trabalhava, como aqui. Eu percebo, a gestão mais focada, mais preocupada com o processo de alfabetização. Então ele se preocupa, acompanha, fazem atividades diagnosticas com as turmas. Então isso é uma preocupação que a gente ver [...]

- A segunda professora Alfabetizadora, responde:

-Então, ao professor em sala de aula ajudou muito, porque com os cursos a gente conhece outras professoras da mesma turma, e esse encontro com outros professores é onde a gente aprende muito, porque há trocas. E essa troca é muito rica, a gente divulga as sequências didática, os trabalhos, as atividades que são feitas na sala, além de nos ensinarem sobre o planejamento didático, análise do conteúdo que deve ser trabalhado, sempre realizar toda uma preparação dos materiais de acordo com os níveis de conhecimentos de cada aluno, também sobre o currículo, interdisciplinaridade.

Analisando essas respostas das docentes, descrevem minuciosamente, como caracterizam o papel da escola, depois abrange sobre a importância dos conhecimentos adquiridos na formação dos professores do PNAIC. Conjuntamente, cita a relevância coesa também da formação para os gestores escolares, quando estabelece um programa com investimentos elevados e metas ambiciosas.

Realmente, um dos focos do PNAIC é o envolvimento da gestão no processo pedagógico. Não se pode deixar a responsabilidade da aprendizagem apenas com o professor. Sabemos que muitos problemas que permeiam a escola não cabem ao professor especificamente resolvê-los, assim toda a comunidade deve estar unida na solução conjunta dos problemas. Outro ponto que merece destaque é o fato de aprender com os pares. A formação continuada dá oportunidade para que as professoras socializem as práticas de sala de aula, e aqui o ganho é imenso, pois são alfabetizadoras, que pertencem à mesma realidade que mostram como pode ser feito. Dessa forma, o programa Pacto espera dos docentes alfabetizadores que eles trabalhem com a leitura em diferentes situações sociais, para que possa introduzir aos seus alunos ao mundo letrado.

Já o papel da escola, quando se trata do processo de alfabetização é ensinar o sistema de escrita e propiciar condições de desenvolvimento das capacidades de compreensão e produção de textos orais e escritos. Em uma visão teórica, desenvolvida no Caderno 03, titulado: A organização do trabalho escolar e os recursos didáticos na

alfabetização”, descreve que: “Praticar, portanto não é sinônimo de conhecer. A prática pela prática não modifica o homem, mas a prática refletida é reinventada e modificada pelos homens e estes, por sua vez, são modificados pelas suas ações”. Essa concepção teórica amplia a fundamentação do poder da pratica onde o professor deve trabalhar com os seus discentes. (BRASIL, 2015, p. 10).

4. QUAIS SÃO AS SUAS PRÁTICAS DE LEITURAS MAIS RECORRENTES?

Respostas

- Professora Alfabetizadora 1:

-Assim, as práticas de leituras são muitas, agora aquelas que acontecem recorrentemente, todos os dias, eu acredito muito assim no trabalho coletivo com a turma, eu acredito que um pode ajudar o outro né! Porque sempre as turmas elas têm os números, assim elas são numerosas, essas, esses níveis diferenciados dentro da sala é o que desquieta a gente todo dia, na hora de planejar, na hora de avaliar, na hora de buscar meios pra que ele atinja o objetivo que a gente quer. Então, assim, eu acredito muito na parte coletiva, porque eu acho a parte individual eu faço, mas é difícil atender essas crianças individualmente, é difícil. Então assim, eu acredito muito também no coletivo, no grupo, de um ajudando o outro né! Naquela criança que tá mais adiantada e ir ajudando o coleguinha que tá menos, e assim, fazendo um esforço para mediar todos do grupo, mas a gente tenta diferenciar [...]

- Na segunda docente alfabetizadora, responde:

- São inúmeras, na verdade, utilizando o livro didático como suporte para planejar uma sequência didática de acordo o nível da minha turma, então assim, eu acredito muito também no coletivo, no grupo, de um ajudando o outro de acordo com o nível do desenvolvimento semelhante. Naquela criança que tá no mesmo grau de aprendizado e ir ajudando o coleguinha que tá menos, e assim, fazendo um esforço para mediar todos do grupo, mas a gente tenta diferenciar.

Diante de tais descrições das professoras alfabetizadoras, percebemos uma referência o cuidado da prática de sala de aula.

E com relação a leitura de textos, sobretudo nos primeiros anos do Ensino Fundamental I, é muito importante a realização de leitura em voz alta pelo professor em sala de aula. Nestes casos, o docente alfabetizador assume o papel de “leitor” *** e, ao mesmo tempo, de mediador da discussão sobre o sentido ao redor do texto.

***É recompensável que as situações de ensino e aprendizagem sejam lúdicas.

Além do mais, quando o docente trabalha com textos e outras atividades, visando o público infantil, a situação precisa ser lúdica. Nessa concepção de leitura, o professor alfabetizador faz uma leitura expressiva, empolgada do texto, resulta na motivação às crianças no ato de ler e escrever, na participação ativa em sala de aula, incentivando as crianças realizar vários debates e discussões sobre o texto lido. (BRASIL, 2015, Caderno 3)

Assim sendo, é de extrema importância e cuidado no planejamento didático nas atividades com leitura na formação dos grupos com os alunos. Isto posto, na visão de Vygotsky (1994) defendia a igualdade entre as leis de desenvolvimento são iguais para todas as pessoas, no desenvolvimento humano, resultando no seu percurso social. Conjuntamente, a oferta de situações lúdicas, em que as crianças brincam é favorável à aprendizagem de todos os alunos.

Segundo Vygotsky (1994) argumenta que os dois tipos de elementos mediadores constituem nos instrumentos (nessa etapa dos conhecimentos descritos pelo autor, consistem a ideia entre a relação do homem e o mundo, desenvolvendo inúmeras possibilidades de transformações da natureza, pois o homem desenvolve instrumentos no decorrer do tempo, inventa novos instrumentos, até deixa os seus instrumentos desenvolvimentos para os antecessores evoluir suas fabricações instrumentais. Já o segundo elemento importante para o processo de mediação, representa o signo, que no caso da linguagem é composta de vários signos, resultando na capacidade de construir representações mentais que substituam os objetos do mundo real é um traço de plena evolução humana.

Com isso, as docentes não descrevem uma leitura fixa, faltando uma maior clareza das professoras alfabetizadores sobre as suas práticas de leitura trabalhadas em sala de aula. Como o PNAIC que sugere que seja trabalhado todos os dias evitando uma suposta decoração e decodificação dos seus alunos, respeitando abrangência da educação do alfabetizar com letramento, defendido através dos materiais nos Cadernos de formação dos educadores alfabetizadores. Em seguida, a penúltima questão da entrevista consiste em:

5. EM SUAS PERSPECTIVAS, AS PRÁTICAS EM SALA DE AULA CORRESPONDEM AS DISCUTIDAS NA PROPOSTA DE FORMAÇÃO?

Respostas:

- A primeira professora alfabetizadora descreve que

- O curso atendeu e muito, assim, eu sempre participei de todos os cursos de formações que o município disponibilizou e de outros municípios também, de onde eu morava, eu sempre participei de todos, assim, desde que eu comecei eu nunca fiquei de fora de nenhuma formação e esse curso em si, eu vi um diferencial, porque geralmente, a gente faz alguns cursos de onde a teoria está lá em cima, mas eu né! Professor tem que transformar essa teoria em prática, e eu acho que o PNAIC foi um curso diferente, porque eu disse que ele é um divisor, eu acho, no processo de alfabetização e eu acho que a gente, aqui no município mesmo a gente já ver essa diferença né! [...]

- A segunda docente alfabetizadora, responde que

- Sim! Pois nos cursos de formações do PNAIC ensina realmente o professor como deve trabalhar na alfabetização nos anos iniciais, porque os professores sabem dos conteúdos que devem ser ensinados na sua turma, mas na maioria das vezes não sabem como planejar, repassar para o aluno, na separação dos grupos para as atividades, partindo sempre de acordo com o nível de aprendizado de cada um, além do fato, trouxeram não apenas a teoria, como trabalhava outros programas voltados para Educação Infantil, mas a relação entre teoria na prática na sala de aula para cada ano da alfabetização.

Isto posto, de forma clara e objetiva demonstraram que as docentes compreenderam a essência e o sentido fundamentais que o PNAIC. Ou seja, o que é importante destacar aqui, em relação ao trabalho específico com a alfabetização, na rotina da professora, de forma sistemática. Além de expor como trabalham leitura em suas turmas do 1º e 2º ano do Ensino Fundamental I, sendo todos os dias os alunos são levados a compreender sobre as unidades menores das palavras por meio de atividades que envolvem a leitura de poemas ou outros gêneros textuais.

Em vista disso, abordaremos essas questões com uma visão mais teórica partindo nos estudos realizados por Vygotsky (1994), onde descreve sobre a “Zona de Desenvolvimento Proximal”, que ressalta a caracterização do professor poder ser um mediador da atividade lúdica. Em determinadas situações, mesmo sendo escolares, ele não precisa ser o centro do ensino, contudo o professor não precisa ser passivo, mas um mediador.

Nos primeiros Cadernos de formação do PNAIC, em 2013, ressaltamos a importância dos textos literários, que ao longo da história da humanidade vêm encantando gerações. Dessa maneira, quando o professor alfabetizador trabalha com texto em suas aulas, a criança pode aprender tanto sobre o conteúdo inserido e exposto no texto, quanto pode desenvolver estratégias de leitura fundamentais para a inserção em práticas sociais

em que a leitura é requerida. E finalmente, a última questão do questionário realizado em nossa pesquisa representa

6. QUAIS SÃO OS OBSTÁCULOS QUE IMPEDEM QUE HAJA UMA EFETIVAÇÃO REAL DAS PROPOSTAS DA FORMAÇÃO PARA O ENSINO DA LEITURA NA SALA DE AULA?

Respostas:

- A primeira docente da alfabetizadora:

-Assim, os obstáculos a gente não vai dizer que tudo é perfeito *né!* Que assim, existem obstáculo em tudo que a gente for fazer a gente tem dificuldade, eu não digo nem obstáculo, porque eu entendo que obstáculo é muito difícil de ser quebrado, mas eu digo que tem dificuldades, na sala de aula. Eu vou começar pela sala, a minha sala assim, a maior dificuldade que eu vejo assim, pra que todos alcancem, assim, porque é assim, a heterogeneidade da turma, porque é assim, é difícil trabalhar com vários níveis dentro da sala, então eu tenho uma turma hoje com vinte dois alunos, mas ainda eu tenho alunos no pré-silábico, eu ainda tenho alunos no silábico alfabético, eu ainda tenho alunos, no alfabeto, alunos alfabéticos. Então essa divisão de níveis dentro da sala é uma das dificuldades que eu vejo de trabalhar, porque atender aos diferentes níveis não é fácil. Então, outras dificuldades que a gente tem também vão além da sala de aula, porque a gente sabe que o maior processo é que acontece dentro da sala, mas ele precisa ser consolidado com ajuda de outras pessoas também, então assim, em algumas vezes a gente tem pais que não ajuda *né!* Que não participam da aprendizagem do filho, então, com certeza essa criança que não tem ajuda, essa criança que não tem a participação, ela com certeza, ela vai ter um nível menor [...]

- Contudo, na resposta da segunda docente alfabetizadora:

- Na minha opinião não existem necessariamente obstáculos, os professores alfabetizadores sempre têm algumas dificuldades nas confecções dos materiais para serem trabalhados em sala de aula, falta do material escolar nas intuições, a pouca participação dos familiares diante da educação das crianças, mas essas dificuldades sempre dependem da capacidade do professor, se devem serem superadas ou continuarem do mesmo jeito.

Em suma, diante tais respostas e supostas justificativas das duas docentes alfabetizadoras, ambas abrangem algumas dificuldades existente na concretização fixa na educação brasileira. Em suas palavras, existem dificuldades, mas essas não decorrem da formação. São da sociedade em geral, que repercutem na sala de aula.

3.2- Práticas de Leitura na perspectiva do Letramento

Nessa parte específica da nossa pesquisa, iremos subdividir em dois momentos sobre as práticas de leitura e atividades seguindo uma perspectiva do Letramento, onde apresentaremos primeiramente, as práticas de leitura no município de Picuí e descrever com riqueza de detalhes sobre a atividade realizado em sala de aula utilizando um gênero textual específico. Posteriormente, descrevemos as práticas de leitura e duas atividades trabalhados em sala de aula, no município de João Pessoa.

3.2.1- Práticas de Leitura no Município de Picuí

No segundo momento da coleta de dados, as gravações dos vídeos nas aulas das docentes, primeiramente na aula do Município de Picuí, realizado na sexta feira, precisamente, no dia 15 de Abril de 2016, logo a professora alfabetizadora desenvolveu em sua aula um gênero textual específico, a Receita de Bolo (todas as fotos das observações- ANEXO IV).

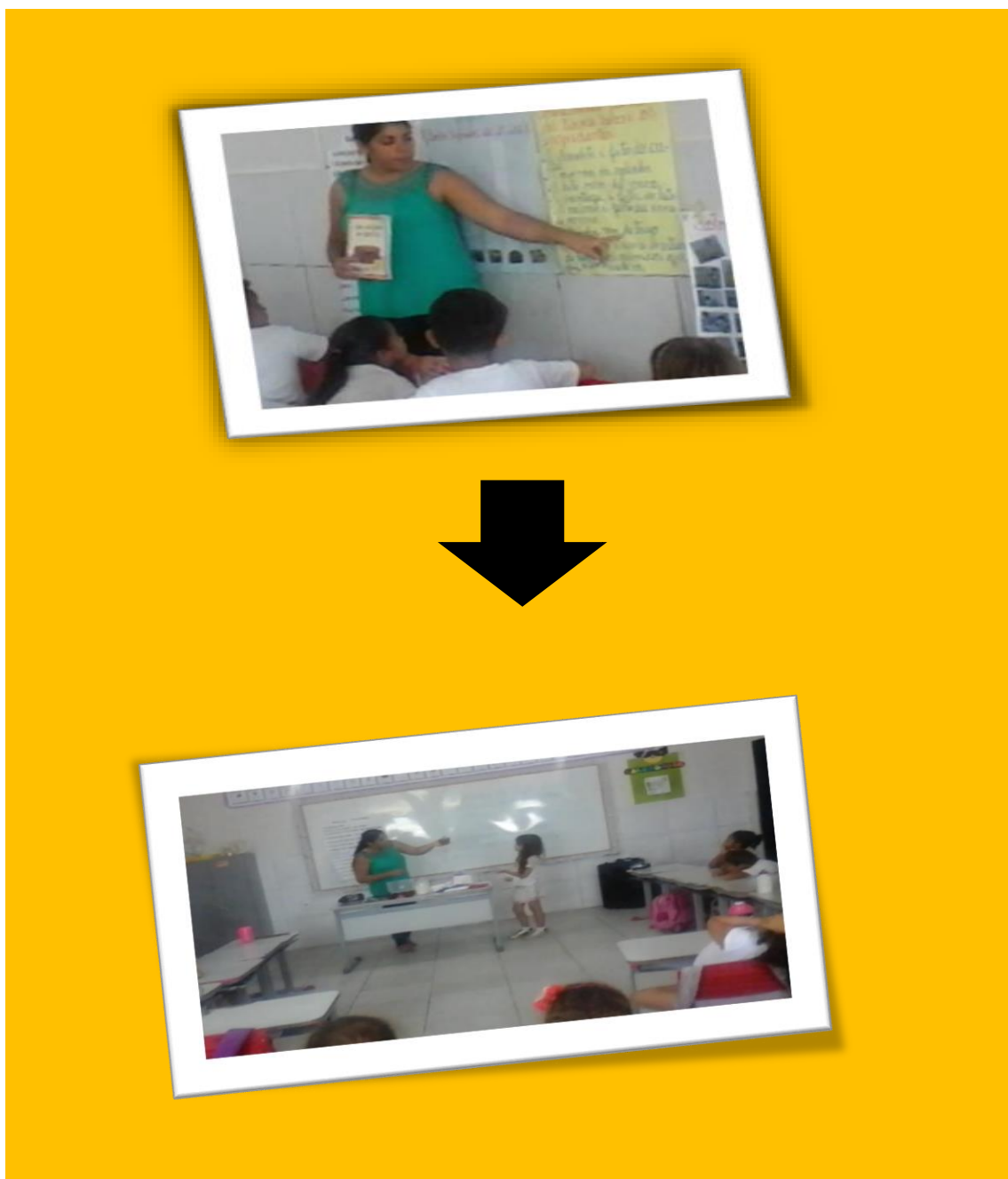
Nesse momento, trabalhou de forma sócio- interacionista uma sequência didática, onde a primeira professora alfabetizadora, solicitou aos seus alunos, uma atividade para casa: coletar receitas de bolos e apresentar um ingrediente na próxima aula.

Já no outro dia, desenvolveram essa aula, cada aluno expos a sua receita de bolo, retirados em vários lugares como: da internet, livros de receitas, em embalagens de alimentos e etc. Nesse momento da aula, todos os discentes descreveram suas pesquisas, relatando sobre as variedades e tipos de receitas de bolo, como por exemplo, bolo de chocolate, bolo de milho verde, bolo de baeta, bolo de leite, bolo de fubá e etc. Todos esses tipos de bolos contendo suas receitas foram colados em uma folha de cartolina pelos alunos, onde todos coloram embaixo de suas receitas os seus nomes.

No dia posterior, os alunos trabalharam sobre o gênero receita, sobretudo expondo cada significado dos números presentes no gênero textual, quais as suas informações explícitas e implícitas, explicando questões sobre quantidade, dimensão, proporções numéricas, diferenciações entre os ingredientes, o tempo de preparo, como preparar o bolo. Nesse mesmo dia, a mesma organizou uma pequena votação para a confecção do bolo em sala de aula, visando principalmente, o seu sabor e os ingredientes para que na próxima aula, desenvolver tal atividade lúdica.

Em seguida, na aula posterior, a professora alfabetizadora fez a elaboração de uma mini feira na sala de aula, contendo como moeda de comercio dinheiro comestível. Logo, Depois todos fizeram uma breve leitura dos ingredientes para confecção do bolo, demonstrando explicações sobre pesos, quantidades, qualidades dos alimentos, a diversidade perante os tipos de bolos. Veja algumas imagens:

Figura 2: Imagens da Práticas de Leitura



Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica

Em seguida, fizeram um pequeno sorteio para selecionar os alunos que iam poder manusear os ingredientes para confecção concreta do bolo, ao total foram cinco discentes que colaboram para a massa da receita, por fim, levaram ao forno e em seguida todos experimentaram o bolo.

Diante dessa observação nas análises dos dados para o PNAIC, correspondem as perspectivas do Pacto na Alfabetização, pois resulta em uma atividade lúdica**** bastante planejada, além do fato, o trabalho nos primeiros anos do Ensino Fundamental precisa ser feito de modo a desenvolver diferentes capacidades e conhecimentos.

Assim, as situações em que outras pessoas leem para as crianças são importantes para que elas aprendam a compreender textos lidos por outras pessoas, de diferentes gêneros e com diferentes propósitos. Com isso, antecipar sentidos e ativar conhecimentos prévios relativos aos textos a serem lidos pelos professores ou pelas crianças. Logo, reconhecer finalidades de textos lidos pelo professor ou pelas crianças, localizar informações explícitas em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente. Como recomenda esses direitos de aprendizagens do eixo de leitura do PNAIC.

Desta forma, representa como: em realizar inferências em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente. E até mesmo, estabelecer relações lógicas entre partes de textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente. Além destas exposta, tem que apreender assuntos dos temas tratados em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente, interpretar frases e expressões em textos de diferentes gêneros e temáticas, lidos pelo professor ou outro leitor experiente. Desta maneira, estabelecer relação de intertextualidade entre textos, no último direito e aprendizagem da leitura é relacionar textos verbais e não verbais, construindo sentidos.

São todos esses direitos de aprendizagem que o PNAIC precisa repassar constantemente para os professores da alfabetização no Brasil, com a intenção que os docentes desenvolvam também as situações de leitura e compartilhada ajuda as crianças a desenvolverem conhecimentos sobre a escrita e estratégias de leitura que serão mobilizadas nas situações de leitura autônoma, ou seja, aquelas em que elas precisam ler sem ajuda.

****A sequência didática, partiu de um gênero textual, explorou os conhecimentos prévios dos alunos, a exploração da estrutura do gênero e a sua finalidade textual

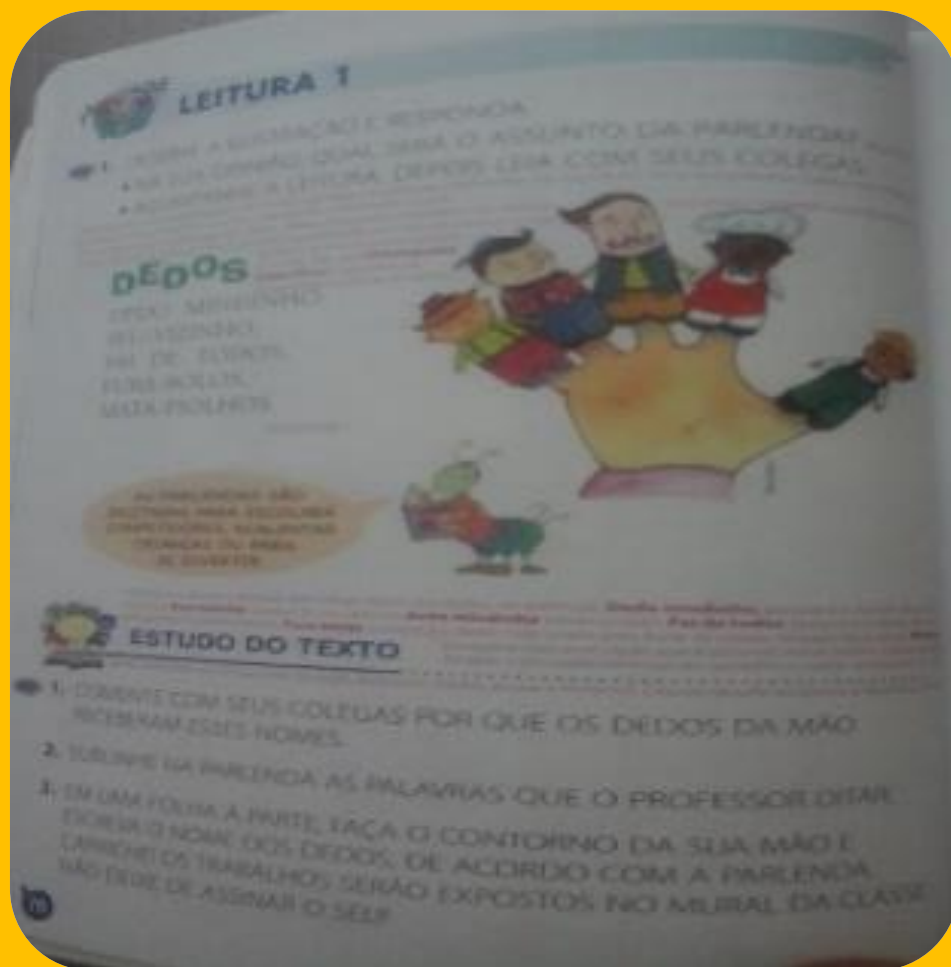
A seguir iremos descrever sobre as práticas pedagógicas utilizando perspectivas de leituras do município de João Pessoa.

3.2.2- Práticas de Leitura no Município de João Pessoa

Na segunda coleta de dados agora em João Pessoa, sendo a segunda professora alfabetizadora (todas as fotos das observações –ANEXO V), na segunda feira no horário da tarde, exclusivamente, no dia 04 do mês de Julho, na turma do 1ª ano do Ensino Fundamental I, a docente elaborou o seu planejamento didático utilizando o livro didático, especialmente, a leitura de uma parlenda. Veja:

Figura 3: Imagens das Práticas de Leitura da 1ª atividade





DEDOS
DEDO
MINDINHO,
SEU VIZINHO,
PAI DE TODOS,
FURA BOLOS,
MATA-PIOLHOS.



Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica

Logo, toda a sala fez uma leitura dessa parlenda, em seguida a docente efetuou a separação dos grupos de acordo com os níveis dos discentes, assim, apresentou esse mesmo texto confeccionado para cada grupo para realização das atividades. Ou seja, fez a separação dessa parlenda em letras (ficando com quebra-cabeça), em frases e para aqueles que estão desenvolvendo mais a escrita, optou na oralidade desse texto para estimular a escrita deles, ao final desse primeiro momento, todos fizeram as suas atividades e novamente efetuaram a leitura.

No segundo momento dessa mesma aula, a docente confeccionou uma réplica do documento de identidade, agora essa etapa foi uma atividade individual, pois nesse documento todos os alunos tinham as suas fotografias individuais, logo todos tinham que escrever os seus nomes e colocar o registro do polegar, desenvolver o ato da importância da identificação através de documentos e ampliando as atitudes de cidadania em seus alunos. Veja:

Figura 4:Imagens das Práticas de Leitura da 2ª atividade

CÊDULA DE IDENTIDADE

FRENTE

FOTO DO PORTADOR

ASSINATURA PORTADOR

VERSO

NOME _____

FILIAÇÃO _____

MATRÍCULA DE _____

ESCOLA _____

DATA DO NASCIMENTO _____

SÉRIE _____

DATA DA EXPEDIÇÃO _____

ASS. PROFESSOR _____



Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica

Com base no PNAIC, nessas situações de atividade lúdicas, muitas aprendizagens podem ser realizadas, tanto em atividades coordenadas pelo professor, como a de

conversa sobre um texto lido ou produção em grupo de um texto, quanto em situações de participação em jogos, em que as crianças podem brincar sozinhas ou com mediação do professor, que não precisa estar presente durante toda a partida do jogo.

Desse modo, todas essas situações podem ser lúdicas, dependendo de como foram planejadas, isto é, uma atividade lúdica pode ser um jogo, uma brincadeira ou qualquer outra que dê prazer, sensação de plenitude. Isto é, as situações de leitura partilhada ou em autonomia podem estimular a realização de antecipações de sentidos, inferências, estabelecimento de relações de intertextualidade, para isso, a leitura protocolada é uma forma bastante interessante de engajar as crianças na leitura.

No Caderno 04, titulado: “Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização”, onde focaliza sobre a Ludicidade em sala de aula, apresentam em seus objetivos centrais no processo de aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética por meios de brincadeiras, tais critérios: conhecer a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, analisando jogos e planejando aulas em que os jogos sejam incluídos como recursos didáticos.

Para isso, compreender a importância de organizar diferentes agrupamentos em sala de aula, adequando os modos de organização da turma aos objetivos pretendidos, além de compreender e desenvolver estratégias de inclusão de crianças com deficiência visual, auditiva, motora e intelectual, bem como crianças com distúrbios de aprendizagem no cotidiano da sala de aula, sobretudo, conhecer os recursos didáticos distribuídos pelo Ministério da Educação e planejar situações didáticas em que tais materiais sejam usados.

Para Bakhtin (1995), na obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, correspondem os seus estudos sobre a linguagem além dos seus aspectos, sendo técnicos, morfológicos e sintáticos, onde a linguagem sendo compreendida como um indicador de desenvolvimento, em outras palavras, a linguagem correspondia não apenas no nível verbal, contudo estava sendo trabalhada constantemente no não verbal, seguindo esse raciocínio do estudioso, a palavra é a materialidade da linguagem interior, da consciência, abrangendo sua amplitude na comunicação oral, escrita e entre outros aspectos, além de todas essas observações relevantes, a palavra contempla um sentido ideológico ou vivencial, sendo polissêmica, plural.

Assim sendo, a fala e a enunciação é de natureza social, por isso o PNAIC trabalha também seguindo essas orientações e definições desse autor específico, com a finalidade de expor aos professores da alfabetização, que a capacitação dos educadores não se encerra na conclusão do seu curso de Graduação, mas se realiza continuamente na sua

sala de aula, onde dúvidas e conflitos aparecem a cada dia, demonstrar uma das possibilidades de superação de dificuldades é a oportunidade de discutir com reflexões mais profundadas sobre a própria prática.

Em suma, observando a prática pedagógica dessas professoras, podemos apontar práticas recomendadas pelo PNAIC: o gênero textual como norteador do eixo da leitura , a exploração dos conhecimentos prévios dos seus alunos, contudo não podemos afirmar de fato que todas as práticas pedagógicas apresentadas nesse trabalho de conclusão, traz as perspectivas adotadas pelo PNAIC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos dados obtidos e dos relatos das docentes, notamos a importância central das ações de formação para que as propostas sejam de fato aplicadas. Os profissionais envolvidos têm necessidade de dominar plenamente as propostas, tanto em seus aspectos práticos como teóricos, visto que serão eles mesmos os construtores da prática

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) surge com o intuito de fortalecer a melhoria da qualidade do ensino na alfabetização. De pensar materiais, propostas de auxílio e estratégias a esse professor alfabetizador. Na tentativa de enxergar esse programa de atenção à alfabetização sob o ângulo do professor alfabetizador, aquele que lida diretamente com o processo de alfabetização, elaboramos este estudo. Os dados levantados (leitura de teorias da alfabetização, entrevistas, observação de práticas de escrita), e a análise realizada, nos permitiram entender a formação do Pacto sob o olhar desse alfabetizador, e como essas propostas são traduzidas em sala de aula.

Para o PNAIC, dissociar alfabetização e letramento é um equívoco porque, no quadro das atuais concepções psicológicas, linguísticas e psicolinguísticas de leitura e escrita, a entrada da criança (e também do adulto analfabeto) no mundo da escrita ocorre simultaneamente por esses dois processos: pela aquisição do sistema convencional de escrita – a alfabetização – e pelo desenvolvimento de habilidades de uso desse sistema em atividades de leitura e escrita, nas práticas sociais que envolvem a língua escrita – o letramento. Não são processos independentes, mas interdependentes, e indissociáveis: a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só se pode desenvolver no contexto por meio da aprendizagem das relações fonema–grafema, isto é, em dependência da alfabetização.

A perspectiva do alfabetizar letrando, a diversidade de leituras, a produção de diferentes gêneros textuais, são alguns dos pontos que são colocados em relevo pelo PNAIC e que servem para todos os níveis de ensino.

Naturalmente, muitos são os problemas que ainda circulam na sala de aula: falta de estrutura nas escolas, muitas crianças em sala, professores que são colocados na alfabetização por castigo, solidão do próprio docente, que se vê responsável por todo o

processo que circunda a criança, falta de remuneração digna, entre outros. Esse na foram objetos de nossa pesquisa, mas trazem implicações sérias para o processo ensino /aprendizagem.

Essa pesquisa contribuiu para que entendêssemos a implementação do programa aqui no estado da Paraíba, fez-nos conhecer de perto a prática docente na alfabetização e, sobretudo, nos inseriu em um universo de formação continuada que nos acompanhará quando concluirmos a graduação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana B.C., MORAIS, Artur G.; FERREIRA, Andrea T.B. **As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras?** In: Revista Brasileira de Educação. V. 13, n.38. Maio/Ago., 2008.

ALVES, Maria de Fátima. **Leitura, compreensão de textos e formação docente.** In: PEREIRA, Regina Celi Mendes. Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem.** São Paulo: Hucitec, [1929], 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BORTONI, Ricardo. MARIS, Stella. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa.** São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. **Currículo na Alfabetização: Concepções e Princípios.** Ano 1, Unidade 1. Brasília: MEC/SEF, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Formação de professores no pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Brasília: MEC/SEF, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa. Formação do Professor Alfabetizador: Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/SEF, 2012.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Interdisciplinaridade no ciclo de alfabetização: Caderno de Apresentação. Brasília: MEC/SEB, 2015.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização. Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto nacional pela alfabetização na idade certa : currículo na alfabetização : concepções e princípios : ano 1 : unidade 1 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. -- Brasília : MEC, SEB, 2012.

FARIA, Evangelina Maria de Brito. **Práticas de letramento na aquisição da escrita:** Um olhar sobre a mudança de paradigmas na aquisição. In: PEREIRA, Regina Celi Mendes. Práticas de leitura e escrita na escola: construindo textos e reconstruindo sentidos. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 13-43.

FERREIRO, Emília. TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

KLEIMAN, Angela B. **Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna.** Santa Cruz do Sul: Revista SIGNO, p.1-25, 2007.

KOCH, Ingedore. **Introdução a Linguística Textual:** trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LOPES, Nilma Maria Cordeiro; SOUSA, Ednéia Patrícia Bezerra da Silva. **Leitura deleite:** para além dos muros da escola. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de. [et al] (org.) Relatos de experiência – PNAIC Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

NÓBREGA, Paulo Vinícius Ávila. **A leitura deleite:** o que é, e o que dizem nas formações? In: FARIA, Evangelina Maria Brito de. [et al] (org.) Letramentos em linguagem – PNAIC Paraíba. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos.** Rio de Janeiro: Forense, 1973.

ROJO, R. **Letramento múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Editora Parábola, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2012.

SCARPA, Ester Mirian: Aquisição da Linguagem. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**. Ed. 8 São Paulo: Cortez, 2012. pág. 242-271.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. **Reinvenção da Alfabetização**. In: Presença Pedagógica. V. 9 n. 52. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2003. p. 1-21.

TOMASELLO, Michael. **Origens culturais da aquisição do conhecimentos humanos**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ANEXO I

ENTREVISTA COMPLETA

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:** *PICUÍ*
- **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:** *JOÃO PESSOA*

QUESTIONÁRIO

1°. COMO VOCÊ COMPREENDE A PRÁTICA DE LEITURA?

Respostas:

▪ **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

-Eu compreendo a prática de leitura como essencial no processo de alfabetização, porque o processo de alfabetização é juntamente esse foco que a gente tem *né!* Da criança ler e escrever durante esse processo dos seis aos oito anos, então, com certeza na minha turma do primeiro ano e na minha turma do segundo ano, à leitura é foco. O meu foco é a leitura, porque é assim, é o processo principal pra criança *né!* Conhecer o mundo que tá em volta dela, ela precisa dessa leitura *né!* Então ela, o foco das nossas turmas é realmente a leitura, e ela se dar em sala de aula em várias formas *né!* Ela se dar de forma coletiva, ela se dar de forma individual, pelo professor que a prática nossa, assim, eu acho que desde de antes do PNAIC essa leitura *né!* É uma prática nossa do professor ler pra criança, da criança ler, de uma ler pra outra, então, com certeza a leitura é o foco da sala, no processo de alfabetização.

• **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

- É uma prática nossa do professor ler pra criança, da criança ler, de uma ler pra outra, então, com certeza a leitura é importante da sala, no processo de alfabetização.

2°. COMO VOCÊ TRABALHA A LEITURA?

Respostas:

▪ **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

- Bom, a leitura a gente trabalha ela de várias formas, porque é importante diversificar esse processo em sala de aula, porque todo dia a gente ler da mesma forma *né!* Acaba que isso fica cansativo, então, a leitura ela se dar de várias

formas, até na pergunta anterior que se dar de formas feitas pelo professor, feita pelo aluno, feita de forma coletiva, então, a leitura ela é trabalhada diversificada de várias forma na sala, individual, coletivo, em grupos, na sala de leitura. Hoje a leitura na minha sala foi no laboratório, na salinha de leitura, então, lá eles fizeram a leiturinha coletiva, eles ficaram em pequenos grupos, iam lendo com os coleguinhas, então, hoje a leitura foi coletiva. Assim, a cada dia a gente procura diversificar esse processo na sala.

▪ **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

-Hoje a leitura na minha sala foi bem desenvolvida e planejada, então, eles fizeram a leiturinha coletiva, eles ficaram em pequenos grupos, iam lendo com os coleguinhas, então, hoje a leitura foi coletiva. Assim, a cada dia a gente procura diversificar esse processo na sala.

3°. COMO O PNAIC AJUDOU COM O TRABALHO DA LEITURA EM SALA DE AULA?

Respostas:

▪ **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

- O Pnaic, eu o considero que ele foi o divisor de águas, assim, no processo de alfabetização, a gente pode, sempre tem práticas de leituras nas salas de alfabetização, mas o Pnaic ajudou a gente a organizar o trabalho, porque depois que a gente começou a formação, eu acho que houve a mobilização maior, não só da sala, dos professores, porque o trabalho do Pnaic eu acho que ele passou a envolver mais a escola como o todo. Então, hoje a gente trabalha mais focado com a coordenação, com a gestão, eu acho que a gestão hoje também tem outro olhar pra turmas, ela se envolve mais.

Antes eu percebia que a gestão se preocupava mais com o foco burocrático da escola, hoje eu vejo a gestão mais preocupada com o processo de leitura, com aquela criança que não tá no nível desejado, então, isso também foi um passo pela formação, eu acho que depois da formação os gestores das escolas eles também estão vendo as turmas de alfabetização com outros olhos, eles estão mais participativo, eles perguntam, eles interagem mais, tanto na escola que eu trabalhava, como aqui. Eu percebo, a gestão mais focada, mais preocupada com o processo de alfabetização. Então ele se preocupa, acompanha, fazem

atividades diagnosticas com as turmas. Então isso é uma preocupação que a gente ver.

Então, e ao professor em sala de aula ajudou muito, porque com os cursos a gente tem, conhece outras professoras da mesma turma, e essa, esse encontro com outras professores é onde a gente aprende muito, porque há trocas *né!* Eu acho que a troca de um professor com outro é muito rica, por, quando a gente vai pro encontro que a gente divulga as sequências didática, os trabalhos, as atividades que são feitas na sala.

Então assim, eu estou aprendendo com o meu colega, o meu colega está aprendendo comigo *né!* E também assim, aquela atividade que uma professora fez que foi bem sucedida, eu posso adaptar ela para a minha turma, porque a gente nunca faz igual *né!* O professor tem esse processo de adaptação, de ver uma coisa *né!* E já pensar naquela coisa na sua turma com um olhar diante da sua turma.

Então assim, a da rotina, do planejamento foi muito discutido na parte de leitura, quando a gente fez em 2013, a gente estudou muito a parte da leitura, da organização da rotina de trabalho, organizar que a nossa rotina que tem um momento de leitura todos os dias, então essa organização favoreceu muito a aprendizagem das minhas turmas, depois de 2013.

Desde de 2013, eu trabalho com a alfabetização, mas depois do curso eu vi uma diferença, porque há uma mobilização, a gente se inquieta para fazer *né!* Tantas atividades sugerida e como aplica o que aprendeu, porque como vem muita sugestão no caderno, nos caderno de estudo, de aulas práticas e os textos são simples, e a gente percebe nos caderno no estudo que são atividades assim! Desenvolvidas em outras sala que são simples, que a gente pode desenvolver também, e assim, essa foi uma contribuição muito grande do curso, assim, na prática do professor mesmo, essa troca de experiência, tanto todo curso, tanto com os colegas de trabalho, por que a gente sai da nossa escola e conhece a realidade de outras escolas, de outras turmas e isso enriquece muito o trabalho.

Então a partir, da sequência didática, foi outro caderno muito importante, da gente aprender a trabalhar com esses projetos, com essas sequência, porque a partir do momento que a gente trabalha com a sequência, a gente consegue desenvolver um foco maior que é a interdisciplinaridade *né!* Então, a gente deixou trabalhar o português lá isolado, matemática lá isolado, e começou dentro da sequência aprender a trabalhar tudo junto e quem sai ganhando com isso é a turma *né!* Que, assim, eles

aprendem mais, a gente ver um avanço mais rápido neles, porque se a gente não trabalhar assim, que acaba chegando o final de ano e a gente não conseguiu alcançar tudo que desejava.

E outro ponto importante da parte de língua portuguesa que eu achei, foi assim, foi o foco no direito de aprendizagem, porque quando a gente sabe o que quer *né!* Sabe onde quer chegar com aquela turma, a gente vai propor atividades que, naquele foco. Então quando a gente tem clareza no que quer, aí a gente vai ter clareza no que faz *né!* Porque se a gente não tiver esse foco pode se perder, porque a gente tem turmas homogêneas, homogêneas não! Heterogêneas *né!* A gente tem turma com níveis diferenciados, então tem turmas com níveis diferente é um grande desafio, fazer com que todos eles alcancem aqueles direitos, porque tem um caderno que a gente estudou que todos tem direito e os percursos é diferente, dizia assim no caderno. Então esses percursos diferente é que é mais trabalhoso ainda pra alcançar os direitos no final do ano, é muita coisa. Então, assim, se a gente não tiver foco principalmente no planejamento, se a gente não usar a avaliação, porque, assim, não sei se era, assim nem vou dizer que era a minha visão, mas eu acho que é uma visão geral, que antes a gente tinha o processo de avaliação para ver primeiro o que aquele menino tinha aprendido, quando a gente fazia uma avaliação *né!* A gente dizia: -Aquele menino ainda não aprendeu isso que a gente trabalhou *né!* E hoje a gente ver a avaliação com outro olhar, não é pra ver o menino o que ele não aprendeu, mas eu vejo hoje a avaliação como o que ele já aprendeu, eu digo: - ele já avançou. Quando eu vejo uma avaliação e olho outra, então eu vejo que ele avançou.

Então se a gente ver a avaliação com esse olhar positivo, que eu acho também, que foi outro avanço, assim, o curso mostrou assim, pra gente esse olhar, da gente sempre tá avaliando eles com um olhar no que eles avançaram e não deixando de olhar o que eles precisam melhorar, e no planejar nisso, eles não vão alcançar o nível que a gente deseja a todos *né!* A gente tenta, embora tenha uma criança ou outra que ela não esteja no nível que desejou, mas com certeza ela avançou durante o processo ao longo do ano.

▪ **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

-Então, ao professor em sala de aula ajudou muito, porque com os cursos a gente conhece outras professoras da mesma turma, e esse encontro com outros professores é onde a gente aprende muito, porque há trocas. E essa troca é muito

rica, a gente divulga as sequências didática, os trabalhos, as atividades que são feitas na sala, além de nos ensinarem sobre o planejamento didático, análise do conteúdo que deve ser trabalhado, sempre realizar toda uma preparação dos materiais de acordo com os níveis de conhecimentos de cada aluno, também sobre o currículo, interdisciplinaridade.

4° . Quais são as suas práticas de leituras mais recorrentes?

Respostas:

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

-Assim, as práticas de leituras são muitas, agora aquelas que acontecem recorrentemente, todos os dias, eu acredito muito assim no trabalho coletivo com a turma, eu acredito que um pode ajudar o outro *né!* Porque sempre as turmas elas tem os números, assim elas são numerosas, essas, esses níveis diferenciados dentro da sala é o que desquieta a gente todo dia, na hora de planejar, na hora de avaliar, na hora de buscar meios pra que ele atinja o objetivo que a gente quer. Então, assim, eu acredito muito na parte coletiva, porque eu acho a parte individual eu faço, mas é difícil atender essas crianças individualmente, é difícil. Então assim, eu acredito muito também no coletivo, no grupo, de um ajudando o outro *né!* Naquela criança que tá mais adiantada e ir ajudando o coleguinha que tá menos, e assim, fazendo um esforço pra mediar todos do grupo, mas a gente tenta diferenciar, porque, pronto, hoje eu preferi, eu tou fazendo uma atividade em grupo eu preferi separar aquelas crianças que tem mais dificuldade pra ficar comigo hoje, então separei aquelas crianças com o nível parecido, mas deixei aqueles que são menos, um pouquinho comigo, pra mim fazer atendimento individual a pequenos grupos, é difícil porque aquelas crianças mesmo que são no nível diferente, elas também solicitam ajuda do professor, principalmente, no primeiro e segundo ano, porque eles ainda tem a dificuldade, mesmo aqueles que são no nível do alfabeto, mas eles tem a dificuldade na grafia *né!* Então eles perguntam solicitam a ajuda da professora, mas eu tento atender a todos os grupos na sala de aula.

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

- São inúmeras, na verdade, utilizando o livro didático como suporte para planejar uma sequência didática de acordo o nível da minha turma, então assim, eu acredito muito também no coletivo, no grupo, de um ajudando o

outro de acordo com o nível do desenvolvimento semelhante. Naquela criança que tá no mesmo grau de aprendizado e ir ajudando o coleguinha que tá menos, e assim, fazendo um esforço para mediar todos do grupo, mas a gente tenta diferenciar.

5° . Em suas perspectivas, as práticas em sala de aula correspondem as discutidas na proposta de formação?

Respostas:

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

- O curso atendeu e muito, assim, eu sempre participei de todos os cursos de formações que o município disponibilizou e de outros municípios também, de onde eu morava, eu sempre participei de todos, assim, desde que eu comecei eu nunca fiquei de fora de nenhuma formação e esse curso em si, eu vi um diferencial, porque geralmente, a gente faz alguns cursos de onde a teoria está lá em cima, mas eu *né!* Professor tem que transformar essa teoria em prática, e eu acho que o Pnaic foi um curso diferente, porque eu disse que ele é um divisor, eu acho, no processo de alfabetização e eu acho que a gente, aqui no município mesmo a gente já ver essa diferença *né!* Susana (orientadora do Pnaic no município do Picuí). Eu acho, eu não me lembro direito, se a primeira semana de leitura foi depois do Pnaic no município? mas a gente ver.

Susana responde:

- Foi em 2013. Depois do Pnaic.

A docente continua o seu relato:

- Foi depois do Pnaic, que assim, o município consolidou essa, não é nem consolidou, porque o município vem fazendo esse trabalho desde antes do Pnaic, mas eu acho que ele abriu as portas, pra mostrar *né!* Esse trabalho que foi desenvolvido no curso. Susana desde de 2013 que ela é a tutora do Pnaic e a coordenadora geral, assim, ela sempre divulgou as propostas do curso que eram feitas pelos professores, na verdade, ela sempre diz: “Vocês estão mostrando o trabalho de vocês!” *Né!* Porque assim, ela abriu as portas então, o que era feito lá na zona rural não é um trabalho isolado, não é um trabalho diferente, é um trabalho socializado aqui, que é feito em conjunto, que é mostrado aqui também. Então assim, deu visibilidade ao trabalho dos professores, como ela diz sempre, que quer dar

visibilidade ao trabalho, e é bom! Porque assim, hoje os pais conhecem mais o quê que acontece dentro da escola, a comunidade em volta conhece, porque eles são convidados a participarem de tudo o que acontece na escola. Então, a população em geral de Picuí, ela conhece os trabalhos que a escola desenvolve. Isso, realmente é um diferencial que a gente não ver por perto sabe! Então assim, expandiu, e assim, isso foi também depois do curso. Então o curso, eu acho, que supriu a mais do que eu pensava, porque ainda dele trazer a teoria, ele troce muita coisa na prática, então o curso não mostra só a teoria ao professor, e o professor vem pra casa pensando a teoria sem saber como vai botar em prática.

Então é discutido a teoria na sala e é discutida de forma prática, e a gente viu, assim, no curso como é fácil aquela teoria *né!* Na nossa realidade, porque na verdade, a gente tem que adequar com a nossa realidade, a gente não vai fazer uma coisa que seja diferente *né!* Então o curso, ele realmente foi além das expectativas, eu acho que não só minha, mas assim, é muito proveitoso e eu nunca vi um professor falar mal do curso, dizendo que não atendeu as expectativas, eu acho que assim, o curso ele deixou o município inquieto, eu acho que ele mexeu, mobilizou todas as turmas, não é só a minha, não é só uma escola, eu acho que ele mobilizou o município como o todo, ele mobilizou as salas no sentido de alunos produzindo mais, de professores produzindo mais e mostrando isso pra população. Eu tenho certeza que vocês fizeram a entrevista em outro lugar e passarem, eu acho que o município, a população hoje ver a educação do município, assim, lá em cima, até mesmo faz assim, eu até vi pais fazendo comparação com a escola particular e o município sempre na frente.

Então, eu acho que isso é o resultado do trabalho no município, não só dos professores mais dos coordenadores, com gestou e isso, eu acho que foi uma contribuição muito grande do pacto no município, mobilizou de verdade, essa é foi a palavra, foi mobilização o que aconteceu nas escolas, principalmente, no ciclo de alfabetização *né!* Porque é o foco e também é a base, já pensou se o governo tivesse o país inteiro discutindo é, as propostas do quarto e quinto ano, e a base é onde se começa tudo, então assim, por isso que eu acho, que esse curso mobilizou não só o município, eu acho que o país como o todo, e a gente vai vendo o progresso a cada ano *né!* A cada ano que vai passando a gente vai vendo como nossas as turmas chegam melhores

de uma série pra outra, isso é o resultado do trabalho *né!* Do nosso colega que passou, o resultado do trabalho coletivo que a gente tem com o curso, assim é, muito bom.

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

- Sim! Pois nos cursos de formações do PNAIC ensina realmente o professor como deve trabalhar na alfabetização nos anos iniciais, porque os professores sabem dos conteúdos que devem ser ensinados na sua turma, mas na maioria das vezes não sabem como planejar, repassar para o aluno, na separação dos grupos para as atividades, partindo sempre de acordo com o nível de aprendizado de cada um, além do fato, trouxeram não apenas a teoria, como trabalhava outros programas voltados para Educação Infantil, mas a relação entre teoria na prática na sala de aula para cada ano da alfabetização.

6° . Quais são os obstáculos que impedem que haja uma efetivação real das propostas da formação para o ensino da leitura na sala de aula?

Respostas:

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 1:**

-Assim, os obstáculos a gente não vai dizer que tudo é perfeito *né!* Que assim, existem obstáculo em tudo que a gente for fazer a gente tem dificuldade, eu não digo nem obstáculo, porque eu entendo que obstáculo é muito difícil de ser quebrado, mas eu digo que tem dificuldades, na sala de aula. Eu vou começar pela sala, a minha sala assim, a maior dificuldade que eu vejo assim, pra que todos alcancem, assim, porque é assim, a hetero..., a heterogen..., a heterogeneidade da turma, porque é assim, é difícil trabalhar com vários níveis dentro da sala, então eu tenho uma turma hoje com vinte dois alunos, mas ainda eu tenho alunos no pré- silábico, eu ainda tenho alunos no silábico alfabético, eu ainda tenho alunos, no alfabeto, alunos alfabéticos. Então essa divisão de níveis dentro da sala é uma das dificuldades que eu vejo de trabalhar, porque atender aos diferentes níveis não é fácil.

Então outras dificuldades que a gente tem também vão além da sala de aula, porque a gente sabe que o maior processo é que acontece dentro da sala, mas ele precisa ser consolidado com ajuda de outras pessoas também, então assim, em algumas vezes a gente tem pais que não ajuda *né!*

Que não participam da aprendizagem do filho, então, concerteza essa criança que não tem ajuda, essa criança que não tem a participação, ela com certeza, ela vai ter um nível menor, mesmo que a gente se esforce e em tentar ajudar, porque eu vou ser sincera, a gente se preocupa muito mais com aquelas crianças que ainda não tão no nível desejado que a gente quer, elas são o foco da sala, essas crianças que ainda não estão lendo fluentes, são os foco da nossa turma, mas geralmente essas crianças assim, que não apresentam nenhuma dificuldade além da especialidade, ela não tem ajuda dos pais, isso também é uma grande dificuldade assim, na rotina da aprendizagem delas, eu vou dizer assim pela a minha turma anterior, porque nesse ano está iniciando ainda.

Então assim, no ano passado eu tinha uma turma muito numerosa de vinte oito crianças no primeiro ano, que também inicia como todas as turmas com níveis diferentes, mas assim, a turma todinha eram uma turma que saiu alfabetizada mas dentro dessa turma alfabetizada a gente sempre tem aquele aluno que ler mais, que ler menos *né!* Eu tinha assim dois que eram assim mais lento no processo e eram exatamente os dois que durante o ano inteiro a gente correu atrás, mas não teve o acompanhamento efetivo da família na aprendizagem, então, essas duas crianças que não tinha essa ajuda efetiva elas infelizmente não conseguiram se sobressair como os níveis das outras, que na verdade era um nível muito bom, então a turma tinha um nível muito bom, mas as duas crianças que não tinha essa ajuda, elas não conseguiram ficar com o nível das outras, elas avançaram durante o ano, mas não pra chegar no nível da turma, no nível que a turma tinha. Então, pra gente perceber o quanto essa ajuda é importante no processo *né!* A gente enquanto professor, tenta fazer a parte da gente, tenta, a gestão tenta ajudar, tenta auxiliar com atividades de reforço, com ajuda da sala individual, mas a gente sabe o quanto é importante a parceria da família na aprendizagem, a gente percebe na pratica quando a criança não tem essa ajuda, ela, ela é menos, assim, na aprendizagem dela é menos, não se sobressai com as dos outros, então eu acho que as duas dificuldades maiores na sala de aula: é os níveis diferenciados que é difícil atender, porque as turmas tem um número de aluno que não são, não é muito pouco. Então, também é a falta de apoio dos pais em alguns momentos, porque hoje eu vejo a escola mais envolvida no processo: coordenador, diretor, todo mundo mais envolvida no processo de alfabetização e as famílias também, mas a gente

sempre sabe que não consegue atingir cem por cento das famílias na escola *né!* Infelizmente, ainda.

- **DOCENTE ALFABETIZADORA 2:**

- Na minha opinião não existem necessariamente obstáculos, os professores alfabetizadores sempre têm algumas dificuldades nas confecções dos materiais para serem trabalhados em sala de aula, falta do material escolar nas intuições, a pouca participação dos familiares diante da educação das crianças, mas essas dificuldades sempre dependem da capacidade do professor, se devem serem superadas ou continuarem do mesmo jeito.

ANEXO II



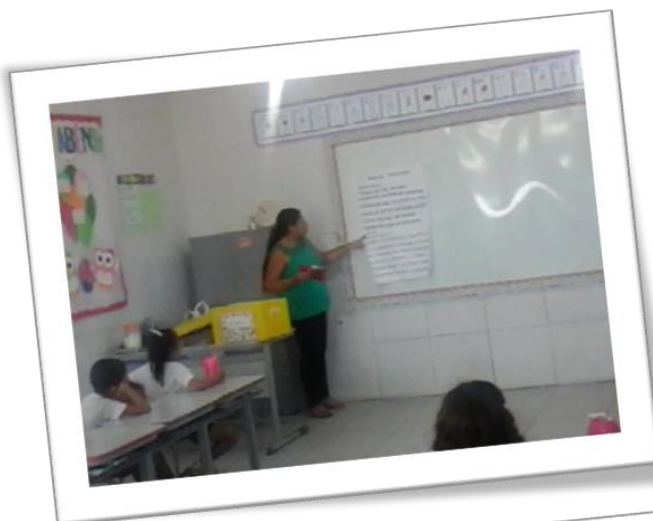
Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Escola+Estadual+Felipe+Tiago+Gomes/@-6.510955>.
Acessado no dia 11 de Outubro de 2018, às 10 horas.

ANEXO III



Fonte: <https://www.google.com/maps/place/Caixa+Escolar+Municipal+Monteiro+Lobato/@-7.176775,-34.8957441,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipPxM>. Acessado no dia 11 de Outubro de 2018, às 11 horas.

ANEXO IV



Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica

ANEXO V



Fonte: desenvolvida pela pesquisadora e orientadora da pesquisa científica